

# Lais dos Bretões



Tradução: Antonio L. Furtado

EDITORA  
PUC  
RIO



*Reitor*

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

*Vice-Reitor*

Pe. Francisco Ivern Simó, S.J.

*Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos*

Prof. José Ricardo Bergmann

*Vice-Reitor para Assuntos Administrativos*

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

*Vice-Reitor para Assuntos Comunitários*

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

*Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento*

Prof. Sergio Bruni

*Decanos*

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade  
(CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Luiz Alencar Reis da Silva Mello (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBM)

© Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225

Projeto Comunicar – casa Agência/Editora  
22451-900 | Gávea – Rio de Janeiro, RJ

Telefax: (21)3527-1760/1838

edpucio@puc-rio.br

www.puc-rio.br/editorapucurio

*Conselho editorial*

Augusto Sampaio

Cesar Romero Jacob

Hilton Augusto Koch

Fernando Sá

José Ricardo Bergmann

Luiz Alencar Reis da Silva Mello

Luiz Roberto Cunha

Miguel Pereira

Paulo Fernando Carneiro de Andrade

*Revisão de texto*

Nina Lua Ferreira

*Diagramação*

Valeska de Aguirre

*Imagem de capa*

Bibliothèque Nationale de France (BNF),

Département des Manuscrits,

Français 616, fol. 73.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

---

Lais dos bretões / Tradução: Antônio L. Furtado. – Rio de Janeiro:

PUC-Rio, 2013.

120 p. ; 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8006-110-9

I. Furtado, Antônio L.

CDD: 841.1

---

# Lais dos Bretões

Tradução: Antonio L. Furtado



## Sumário

6	Apresentação
13	Desiré
28	Tyolet
41	Guingamor
53	Espinheiro
63	Doon
69	Tydorel
78	Graelent
93	Melion
105	Nabaret
106	Trote
111	Passarinho
119	Bibliografia

*para eles e elas*

*Miguel*

*Gabriela*

*Ana Carolina*

*João Paulo*

## Apresentação

Lais são poemas narrativos de ampla divulgação na Idade Média, principalmente no final do século XII e início do XIII. Teriam sido compostos por bretões — é, pelo menos, o que nos dizem os textos. Foram escritos no francês daquele período, quando a língua ainda não se unificara, comportando diversos dialetos, com diferenças consideráveis de vocabulário e grafia. Propõem-se a narrar alguma aventura ocorrida em lugares conhecidos, tais como a Bretanha insular (a Grã-Bretanha de hoje), a Escócia, a Irlanda e a Bretanha do norte da França (Bretanha Armoricana), ultrapassando, porém, muitas vezes, as fronteiras do mundo real para entrar em terras fantásticas. A presente tradução cobre onze lais de autoria anônima, dos quais existem excelentes edições, e ainda traduções em várias línguas.

A palavra “lai” é de origem céltica (cf. o irlandês, *laid*, “canto”). O lai era originalmente destinado a ser cantado ao som da harpa ou da rota, antigo instrumento de corda. Os textos, constituídos de versos de oito sílabas rimados aos pares, são curtos em comparação com os dos romances em verso, que também seguiam esse mesmo esquema de métrica e rima.

A aventura narrada nos lais é uma combinação de três temas, em proporções variadas: amor, cavalaria, e o maravilhoso. Via de regra, os protagonistas são nobres, às vezes de sangue real. Nos lais, assim como nos romances (*romans*, palavra que marca a transição do latim para os idiomas, como o francês, dele derivados), os heróis são invariavelmente descritos como

belos, bravos e generosos em dar ricos presentes (a virtude da *largesse*), as heroínas são de uma beleza nunca vista, e tudo que eles e elas possuem é incrivelmente valioso. Vivendo em castelos imponentes, mas bem desconfortáveis pelos padrões atuais, os homens se ocupavam da guerra, da participação em torneios e da caça. Detalhes sobre as condições de vida podem ser achados em trabalhos como o elaborado sob a coordenação de Georges Duby. Saindo do castelo para distrair-se (*esbanier*), homens e mulheres se compraziam em passear pelos vergeis, mescla de pomar e jardim, ou, com risco maior, em embrenhar-se por bosques e florestas habitados por animais estranhos, fadas a banhar-se em fontes cristalinas, e uma pluralidade de seres sobrenaturais. O amor é quase sempre o tema dominante. Desde cedo, impulsionado pela Natureza com “N” maiúsculo, cabia ao homem cortejar damas e donzelas.

De fato o termo “cortejar” podia então ser entendido em sentido literal. Gaston Paris, autoridade em literatura medieval, cunhou o termo “amor cortês” justamente para sugerir um tipo de comportamento próprio das cortes da época. Inspirado em Ovídio e em poetas árabes, era talvez não mais do que uma espécie de jogo reservado às classes nobres e sujeito a regras refinadas, como as recolhidas e registradas por André o Capelão a serviço de Maria, condessa de Champagne. Nesse tratado do amor cortês encontra-se a mesma cavalgada fantasmagórica do lai do Trote, mostrando mulheres a serem premiadas ou punidas conforme tivessem ou não, durante a vida, atendido ao chamado do Amor. Já o lai de Nabaret contrasta a dama cortês com a imagem assustadora do bárbaro de cabelos crescidos e bigodes trançados, sugerida por ironia ao marido ciumento como no romance occitano de Flamenca. A lírica trovadoresca, bem representada em português nas cantigas do rei D. Dinis, reflete esse espírito meio brincalhão, acentuando

o serviço amoroso que o homem deve à mulher, solteira ou casada, idealizada por ele como sua senhora e dona.

Também a cavalaria era sujeita a regras. Desde o momento em que era armado cavaleiro em cerimônia solene, devia o jovem demonstrar seu valor em torneios e guerras, geralmente em defesa de seu país, mas por vezes se alistando como mercenário em terra estrangeira. A cortesia mandava que poupasse o vencido que se rendesse, mas não lhe proibia tomar-lhe o cavalo e outras riquezas. O objetivo maior do cavaleiro era conquistar renome, *pris* no francês da época. Curiosamente, este não decorria apenas das vitórias em combate; vencendo ou não, o combatente haveria de notabilizar-se por sofrer fadigas e ferimentos. A habilidade em aparar golpes não tinha a importância que lhe dá o cinema de hoje, e é comum nas histórias medievais a luta terminar com o vencido e o vencedor igualmente entre a vida e a morte.

O maravilhoso estava ligado a fadas, a homens adeptos à feitiçaria, a animais extraordinários, a objetos mágicos, e a terras não sujeitas à passagem natural do tempo. As fadas eram seres de natureza ambígua, em muito semelhantes às mulheres mortais, embora incomparavelmente mais belas e dotadas também de atributos sobrenaturais. Em algumas ocasiões aceitavam de pronto a investida amorosa do cavaleiro, em outras demonstravam uma frieza orgulhosa até serem seduzidas à força, lembrando a princesa Turandot da ópera de Puccini. Uma vez apaixonadas, ofereciam ao cavaleiro toda sorte de riquezas neste mundo ou, como recompensa ainda maior, uma vida livre de cuidados na terra encantada onde habitavam. É a lenda medieval da Melusine, lembrando outra ópera, o *Tannhäuser* de Wagner, em que o maravilhoso pagão parece brigar com os preceitos cristãos.

A presença das fadas associa os lais ao folclore, com suas convenções e motivos característicos. Vários estudiosos recorrem ao folclore céltico para explicar certos episódios dos lais. Por exemplo, a proibição de retirar o freio de um cavalo seria um *geis*, um tipo de tabu da mitologia irlandesa. Entretanto freios mágicos pertencem ao folclore universal (tipo AT 594\* do índice de Aarne-Thompson), e as proibições feitas para serem descumpridas aparecem no enredo padrão de Vladimir Propp (funções  $\Psi 1$  e  $\mathcal{D}1$ ).

Estudos sobre os lais têm revelado inúmeras fontes para cada um deles, tanto contemporâneas às narrativas como oriundas da antiguidade greco-romana; desta última serve de exemplo a estória de Píramo e Tisbe (cf. *Metamorfoses* de Ovídio), cujo enredo gira em torno do amor proibido, tema central do lai do Espinheiro.

Referências intertextuais indicam outras fontes. Em vários lais há trechos que parecem reutilizar, com os nomes dos figurantes alterados, episódios contidos em outros lais ou textos congêneres. Nos lais de Graelent e de Guingamor repete-se o motivo bíblico da mulher de Putifar, também presente no lai de Lanval de Marie de France, primeira mulher a se notabilizar como escritora na literatura francesa e cuja obra atinge um nível de qualidade literária bem acima dos lais aqui apresentados. Muitas outras ligações existem, entre as quais a do lai do Homem-Lobo de Marie com o Melion aqui traduzido, a tal ponto chegando a ligação que alguns destes lais foram, no passado, indevidamente atribuídos a ela. A ligação com os romances arturianos de Chrétien de Troyes é também significativa, em especial entre o início do Perceval de Chrétien e o lai de Tyolet. O rei Artur aparece no próprio Tyolet, como também no Melion e no Trote.

Minha tradução foi feita diretamente dos textos originais, utilizando glossários de francês medieval, com base principalmente na edição de Glyn Burgess e Leslie Brook, e levando também em conta a edição de Alexandre Micha. As traduções em inglês e francês modernos fornecidas nesses livros foram muito úteis, assim como a tradução espanhola de Isabel de Riquer. Tal como ela, preferi não incluir o *Lecheor*, de gosto bastante duvidoso, colocando em seu lugar o lai do Passarinho, editado por Lenora Wolfgang.

Os textos medievais não exibem a mesma estabilidade dos modernos. O pesquisador Paul Zumthor introduziu o termo *mouvance* para caracterizar a variabilidade observável nos diversos manuscritos de uma mesma obra. Não só o autor podia reescrever sua primeira versão, como os escribas que a copiavam sentiam-se livres para modificar ou suprimir trechos, ou até introduzir interpolações de sua autoria. Enganos devidos à dificuldade em decifrar a escrita manual, bem como às diferenças entre dialetos, devem ter sido frequentes.

Para autores de apenas moderado talento teria havido ainda o problema de juntar de modo coerente fragmentos extraídos de fontes separadas. Os motivos folclóricos, por sua vez, têm uma lógica interna um tanto paradoxal e que se impõe de maneira inconsciente. Um personagem padrão identificado por Propp é o falso herói, que costuma vangloriar-se de façanha alheia, tipicamente exibindo objeto surripiado ao verdadeiro herói. Por exemplo, em certas versões da estória de Tristão, o herói adormece exausto após matar um dragão, do que se aproveita um desses enganadores para cortar a cabeça do monstro e levá-la à corte como prova de ter sido ele o matador. Em contraste, Tyolet, personagem de um dos lais, estava bem acordado ao entregar a um falso herói, não se sabe por que, uma pata branca de cervo conquistada por ele com enorme

esforço, e da qual precisaria para obter a mão da mulher amada! Tais soluções mal costuradas são infelizmente comuns nos lais anônimos.

Os problemas causados pelas exigências de métrica e rima são também evidentes. O uso de chavões é frequente: se um verso termina com *damoisele* ou *pucele*, é de se esperar que o verso seguinte a declare maravilhosamente *bele* (com um “l” só em francês antigo). Alguns versos aparecem em ordem diversa em cada manuscrito. E um estranho esquema retórico, conhecido pela denominação grega de *hysteron proteron*, permite que o que vem depois seja colocado em primeiro lugar. No lai do Espinheiro, o jovem herói lembra, em um mesmo verso, que seus objetivos são ganhar renome e meter-se em aventuras:

*por pris, por aventure querre.*

mas, em conformidade com o gosto de nosso tempo, pareceria mais natural mencionar primeiro a busca de aventuras, já que seria a causa, devendo portanto ocorrer antes da consequência, a conquista da fama, que é por certo o objetivo final. Também causa estranheza ver uma cena ser narrada repetidas vezes. Pior do que isso, em casos extremos ocorrem afirmações opostas. No manuscrito do lai do Espinheiro usado por Burgess, o jovem se declara perito no uso da espada embora ainda não tenha sido armado cavaleiro:

*Et si sai bien ferir d'espee.*

enquanto no utilizado por Alexandre Micha, em variante bem mais coerente com o restante do contexto (e que por isso preferi adotar), ele confessa que entende disso muito menos:

*s'en sai mout mains ferir d'espee.*

Tive de tomar várias dessas pequenas decisões ao encontrar tais problemas, procurando, o melhor que pude, escolher a interpretação de maior clareza e coerência. E naturalmente, acompanhando a maioria dos tradutores, optei por transpor tudo em prosa, com uma única exceção: os provérbios atribuídos a vilões (pessoas comuns, não pertencentes à nobreza) que aparecem em quase todos os lais. Finalmente, tentei preencher, sempre com a preocupação de manter-me fiel ao contexto, duas lacunas que ocorrem nos manuscritos do Tydorel e do Trote — em ambos os casos assinalei as inserções em notas de rodapé.

Espero que o leitor se divirta com as aventuras, mesmo perdendo as sutilezas de estilo e a sonoridade dos textos bretões originais.

Antonio L. Furtado

Professor emérito da PUC-Rio.

Autor de *Aventuras da Távola Redonda* (Vozes) e

*Mitos e lendas: heróis do Ocidente e do Oriente* (Nova Era).

## Desiré

Vou agora dedicar minha atenção e meus esforços à narração de uma aventura sobre a qual, para mantê-la na lembrança, os que viveram naquele tempo compuseram um lai: é o lai de Desiré, que foi tão valoroso e sensato.

Há na Escócia uma região chamada Calatir, vizinha à Landa Branca, à beira da imensidão do mar. Nela se encontra a Capela Negra, de que trata o conto e que é tão bela. Lá viveu outrora um vavassalo muito respeitado no país. Toda a terra que possuía fôra a ele enfeudada pelo rei da Escócia. Tinha esposa de igual nobreza, queria-lhe muito bem, pois ela era muito conscienciosa. Por infelicidade não tinham filhos. Isso os afligia ao extremo e oravam a Deus com frequência para que por piedade os confortasse, que lhes desse um filho ou uma filha.

Uma noite, enquanto estavam deitados na cama, disse a dama ao esposo:

— Marido, ouvi dizer que na Provença, do outro lado do mar, existe a gloriosa relíquia de um santo; as mulheres ali vão com seus esposos. Ninguém roga, por qual motivo for, venha de perto ou de longe, que não receba ajuda e seu pedido não seja atendido; em especial, há quem obtenha de Deus a graça de ter filhos — já vi não sei quantos desses casos. Vamos nos preparar, atravessemos o mar, vamos até lá.

O marido concordou. Prepararam-se para a viagem; sem demora atravessaram o mar e entraram no santuário de São

Giles para fazer suas orações. Depuseram sobre o altar uma imagem de prata maciça, no valor de sete marcos segundo creio; por um filho ou filha lhe suplicaram. Terminadas suas preces, regressaram ao país.

A dama engravidou de um menino antes mesmo de chegar em casa. O marido se alegrou, jamais se sentira tão feliz, e, assim como ele, a família toda. Quando a criança nasceu, fizeram-no chamar-se Desiré — o desejado —, por tanto haverem demorado a ter um filho. A intercessão de São Giles lhes valera!

Criaram o filho, cuidaram bem dele pelo muito que o amavam. Era belo de corpo e de feições. Quando chegou à idade de separar-se deles, enviaram-no ao serviço de um rei. Aprendeu a caçar no mato e no rio, e ocupou-se disso com prazer. O rei gostava dele e o prezava muito, e por fim o armou cavaleiro. Logo que se tornou cavaleiro, apressou-se a cruzar o mar, viajou pela Normandia e foi participar de torneios na Bretanha.

Muito o estimavam os franceses, todos gostavam dele. Naquele tempo, a cavalaria gozava de prestígio. Se um cavaleiro de outro país viesse conquistar fama em torneio ou na guerra, não lhe armariam uma cilada, nem seria vendido por seus companheiros. Lá ficou Desiré sete anos, sem voltar à casa. Saiu-se muito bem, disputou muitas justas, até que o rei o chamou. Regressou a sua terra e o rei o reteve a seu serviço por longo tempo; queria-lhe bem por seu valor e o cobria de honrarias. Desiré era bravo e de bela aparência, toda gente o louvava.

Nunca podia sair do lado do rei, exceto para visitar Calatir. Por ordem do pai, tinha ido ver a mãe no começo do verão. No quarto dia de sua permanência, levantou cedo, vestiu-se e arrumou-se bem. Trajava-se elegantemente com os mais ricos tecidos, calça, camisa de linho mais alva que flor de abril. Cobriu-se com um manto verde; pediu pelas esporas, queria

montar para ir divertir-se. Mandou trazer seu bom cavalo, que era um animal belo e graúdo, de uma nobre raça, benfeito de lombo e cabeça e com um porte imponente; nenhum defeito achariam nele.

Montado em seu corcel, Desiré tinha todo o aspecto de um belo cavaleiro, com suas pernas e pés bem torneados. Apoiando-se firme nos estribos, a toque de esporas seguiu a cavalo até o limite da cidade; desacompanhado, como partira, chegou à Landa Branca. Olhava as árvores brancas e floridas, ouvia os passarinhos a chilrear. Sentiu o sangue pulsar mais forte, seu ânimo se exaltou, deleitou-se com o canto das aves. Foi penetrando pela floresta.

Na landa, dentro de um bosque, um santo homem vivia em sua ermida. Durante a infância, quando saía a cavalgar com o pai, Desiré costumava visitá-lo, com frequência provando suas frutas. Decidiu nesse momento passar por ali — se o encontrasse, conversaria com ele.

Enquanto cavalgava na direção da capela, deu com os olhos numa donzela vestida de púrpura escura e com uma bonita camisa. A cor da pele era um lindo tom de rosa, e tinha o corpo gracioso e bem modelado. Estava sem touca, com os cabelos soltos, e andava descalça pelo chão coberto de orvalho. Chegara junto a uma fonte que brotava debaixo de uma grande árvore, levando nas mãos duas bacias de ouro.

O cavaleiro não se portou como vilão; desmontou e a cumprimentou, quis fazer dela sua namorada. Fê-la deitar-se sobre a relva fresca. Acho que ele estava a ponto de tocá-la quando ela lhe clamou mercê:

— Cavaleiro, sai daí! Nada ganharás desonrando meu corpo. Não cometas nenhuma falta, deixa-me em paz por favor. Eu sirvo uma donzela, neste mundo não há mais bela; em breve eu farei com que a vejas. Se puderes, trata de impedir

que ela escape de ti, por coisa alguma que ela te diga. Se fores amado por ela nada te faltará. Terás bastante ouro e prata à tua pronta disposição. Não cuides que eu esteja mentindo; e se ela não te agradar, podes contar comigo, farei tudo que te dê prazer. Podes confiar em mim, eu te afianço. Eu te ajudarei em caso de necessidade, seja de perto ou de longe.

Ouvindo-a falar desse modo, Desiré a deixou em paz. A jovem o levou ao encontro da donzela. Ela estava em um pavilhão coberto de folhagem, onde um leito fora preparado, com uma colcha quadriculada feita de duas camadas de cetim bem-costuradas e caras, em meio às flores novas. Uma rapariga estava sentada à frente dela.

Aquela que acompanhava Desiré deteve-se a pouca distância e o chamou:

— Vassalo, escuta bem. Vai pegar dentro daquele pavilhão o que te prometi. Acaso já viste rosto tão formoso, tão lindas mãos e braços tão esbeltos, tão sedutora cintura envolta em laços, cabelos mais sedosos, mais delicadamente penteados e trançados? Tanta beleza não nasceu jamais. Estou quite contigo, vai depressa, não temas nada, tens muito em ti de coragem e merecimento. E em Vênus, a deusa do amor, não acharias tal beleza nem tamanha paixão como nesta que vês aqui. Não tenhas medo!

Ouvindo-a falar assim, Desiré foi para lá, deixando solto seu cavalo. Quando a jovem o viu, não esperou nem por um instante; saiu do pavilhão e se meteu na espessura do bosque. Desiré correu atrás, espiou por onde ela ia, seguiu-a de perto. Era ágil, não se poupava, bem depressa a alcançou. Com a mão direita a segurou e lhe falou gentilmente:

— Bela, dize-me por que fugias com tanta precipitação? Sou um cavaleiro deste país; serei teu vassalo e teu amigo. Para ter teu afeto eu te servirei o melhor que puder.

A donzela agradeceu; curvou-se diante dele e disse que não fugiria nem rejeitaria sua oferta. Concedeu-lhe seu amor e ele fez dela sua amante. Longo tempo passou a seu lado, a muito custo decidiu partir. Contudo, antes de se despedir, ela lhe indicou onde ele poderia falar com ela e como poderia encontrá-la. Disse então:

— Desiré, meu amigo, irás a Calatir; eu te darei um anel de ouro, mas te direi uma coisa: evita fazer o que é errado se bem me queres amar; se cometeres a menor falta perderás o anel no mesmo momento. E se te acontecer a perda do anel, é a mim que perderás para sempre, não me terás de volta e não me verás mais. Trata de agir bem, não deixes por minha causa de te esforçar. Não dou valor a cavaleiro que não disputa torneios com frequência, pois cavaleiro que tem amiga deve distinguir-se na cavalaria, deve gastar com largueza e ser sempre hospitaleiro. Antes de ter meu afeto eras homem de valor; não é direito que um cavaleiro decaia por culpa do amor.

Enfiou-lhe no dedo o anel, ele a beijou e a estreitou contra o peito. Então montou a cavalo e voltou ao alojamento.

Passou a despender e a presentear, não houve benefício que se recusasse a fazer. Deu mais em um só mês do que o rei em meio ano. Costumava retornar àquele lugar em busca da amiga que tanto amava. Entretinham-se com frequência, até que, pelo que fiquei sabendo, engendrou nela um filho e uma filha. Ela não lhe contou, nem ele percebeu.

Numa ocasião o rei o convocou com urgência e o levou consigo para fora do país, numa missão militar em terra longínqua. A guerra lhes foi favorável, desbarataram o inimigo. Cercaram-no em um de seus castelos, de onde, porém, não demorou a sair, completamente armado, como vos conto, para travar combate trazendo consigo muitos cavaleiros. Naquele dia justou com Desiré diante da porta da torre; cada um gol-

peou o escudo do outro, sentiram os ferros contra as cotas de malha. O senhor do castelo foi derrubado. Desiré tinha um cavalo ágil, de pronto o fez estacar, empunhou a espada e atacou com ela. Acossou o inimigo até que se rendesse, mas ele o fez muito a contragosto. Quando viu que não aguentava mais, entregou-lhe a espada pela ponta.

Desiré o conduziu ao rei. O cavaleiro pediu mercê, e o rei a concedeu contra as garantias que a um senhor feudal eram devidas. O cavaleiro concordou com as condições de paz; ao rei assim jurou sobre santas relíquias.

Após o regresso, Desiré pediu dispensa ao rei e voltou à sua terra, Calatir, onde nascera. Na noite da chegada ali permaneceu. No dia seguinte, levantou-se cedo; montou seu corcel, foi direto passear na Landa Branca onde costumava encontrar sua amiga.

Sozinho, conforme vos conto, foi dar na ermida em que habitava o santo ermitão conhecido do cavaleiro. Ocorreu-lhe a ideia de conversar com o santo homem. Não sabia quando voltaria ali, com ele se confessaria. Abriu a porta, entrou, foi achá-lo em sua capela. Disse-lhe:

— Senhor, aqui estou, quero confessar-me e ser absolvido.

O ermitão concordou, e ele se sentou, curvou-se, revelou os pecados de que se lembrava com certeza. Sobre sua amiga lhe confessou, como primeiro se encontraram. O ermitão o aconselhou, impôs-lhe a penitência. Absolvido e abençoado, foi buscar o cavalo; usando o estribo montou e tomou as rédeas. Olhou para os dedos, examinou a mão — não viu mais seu anel!

Sabei que isso não o deixou nada contente, percebeu que havia perdido o anel; nunca se sentira tão magoado. Foi embora dali, não se demorou mais; foi depressa ao lugar onde cuidava achar a amiga, querendo falar com ela. Lá ficou o dia

inteiro, sem a ver, sem lhe falar. Nada conseguindo, deu-se por desventurado. Queixou-se:

— Bela amiga, onde estás que não vens? Estarias descontente comigo? Só me resta morrer se não te vejo. Tu me tiraste teu anelzinho, bem sei que o perdi por causa de ti. Jamais terei alegria nem prazer. Ai de mim! Desgraçado! Que mal eu fiz? Eu te amo sobre todas as coisas, decerto não me tratas bem. O ermitão me ouviu em confissão; nada de mal foi dito a teu respeito. Pedi a ele perdão por meus pecados. Se agi sem razão, bela, não te zanges, decide qual será minha penitência. O que o ermitão me disse, os jejuns a que me obrigou, deixarei de lado se for de teu agrado e farei o que me ordenares.

Não logrou pedir perdão o suficiente para que ela se dispusesse a falar-lhe, por mais que se afligisse seu coração. Com dureza maldisse a ermida, e junto com ela, repetidamente, maldisse o ermitão, o cavalo que o levou até lá, e a si mesmo por ter falado demais. Muito se maldisse, em poucos instantes mais de cem vezes, por ter passado por aquele lugar. Desmedidamente se lamentava, mais de cem vezes rogou que o lugar fosse amaldiçoado e um fogo infernal o consumisse, assim como o eremita que ali habitava, e a boca com que falava, e todos aqueles que tivessem alguma vez acatado seus conselhos ou viessem a falar-lhe no futuro. Ao ver que de nada adiantava, resolveu partir, retornando a Calatir.

Estava muito perturbado; a mágoa que sentia se agravou, em pouco tempo adoeceu. O que era alegria se tornou tristeza, o cantar se transformou em pranto; por um ano inteiro enlanguesceu, todos o davam por perdido. Todos diziam que estava à morte, e ele próprio dizia o mesmo.

Ao cabo de um ano em que esteve acamado, escutai o que lhe aconteceu. Um dia seu escudeiro e seus servidores o deixaram a dormir, foram todos folgar, e não ousaram despertá-lo.

Depois de dormir bastante, acordou e olhou em volta. Deu-se conta de que estava sozinho, o que muito o incomodou. Nisso que estava em tal perplexidade, eis que sua amiga lhe veio falar; ele a reconheceu e ficou a contemplá-la. Na alegria que sentiu com isso, soergueu-se no leito apoiado ao cotovelo. Ela se dirigiu a ele, dizendo:

— Belo senhor, em mau estado estás, perdeste o senso. Por que te deixas morrer deliberadamente? Trata de reagir, isso de nada vale. Se te odiei tanto tempo, decerto bem o mereceste; indo confessar-te a meu respeito cometeste uma falta imperdoável. Acaso terei sido uma carga tão pesada para ti? Nenhum pecado tão grave foi cometido. Nunca fui casada, nem mesmo noiva ou prometida, e nem tu tens esposa. Acredito que hás de arrepender-te de teu ato. No momento em que foste buscar confissão, percebi que me abandonarias. De que serve admitir o pecado sem poder livrar-se dele? Muitas vezes desconfiaste que eu te enfeiticei! Não tenhas esse receio, não venho da parte do maligno. Quando fores à igreja ouvir missa e rezar a Deus, a teu lado me verás compartilhar do pão consagrado. Estás em falta comigo; mas pelo tanto que te amei quero que te recuperes. Deixa de lado tua dor. Poderás ver-me a cada dia, junto de ti a rir e gracejar. Mais do que isso, porém, tu não terás.

Respondeu o cavaleiro:

— Bela dama, eu te agradeço. Pelo tanto que me confortas, estou curado e são. Nunca, de coisa alguma, tive tão grande júbilo!

Beijou-a, ela se foi e ele ficou ali, alegre e contente, completamente curado, totalmente feliz. Na antecipação da alegria que o aguardava, deixara para trás os seus tormentos. Quando ia à igreja orar, via a amiga a seu lado, a comer o pão consagrado e a fazer com ele o sinal da cruz. Falava com ela frequen-

temente. Recobrou a saúde, não sentia mal algum. Viajava e gastava como fazia antes que a amiga passara a detestá-lo.

O rei tinha afeição por ele, nem de dia nem de noite o deixava. Foram uma vez caçar e divertir-se na floresta; tinham mandado trazer arcos e flechas, queriam exercitar-se com eles junto às muralhas. O rei e Desiré detiveram-se ao pé de uma árvore alta; os dois atiraram contra um grande cervo, e ambos erraram. As setas caíram perto deles sobre a erva, como puderam ver. Julgaram-se uns desastrados por ter falhado desse jeito. Largaram os arcos e mandaram afrouxar as cordas. Querendo catar as flechas onde as tinham visto cair, não conseguiram achá-las, não viram nem sinal delas. Disse o rei a Desiré:

— Fomos enfeitados. Nossas setas caíram aqui diante de meus olhos, vi muito bem. E agora não encontramos nada, devemos reconhecer que é espantoso.

Enquanto assim falavam, viram à frente um jovem; era bonito e bem crescido, vestia uma túnica escarlate. Era belo e gentil ao extremo, a cabeça coberta de louros fios encaracolados, feições bem-traçadas, rosto colorido; na mão segurava as flechas. Não era deseducado ao expressar-se. Primeiramente saudou o rei e devolveu-lhe a seta; a Desiré devolveu a que era dele e falou-lhe polidamente:

— Senhor, és meu pai, foi minha mãe que me enviou aqui. Ela quer que eu esteja contigo, que eu conheça e me aviste com minha família. Quando falaste com ela da primeira vez, na landa em que me engendraste, ela te deu um anelzinho de ouro. Depois o perdeste, o que muito te pesou. Aqui o trouxe comigo; mete-o, senhor, em teu dedo.

Desiré logo reconheceu o anel. Estendeu as mãos para o donzel, tomou-o ternamente nos braços. Beijou-o cem vezes e mais cem nos olhos, no rosto, no queixo. O rei e todos os demais companheiros o beijaram em seguida. Deram ao vale-

te muito boa acolhida. Desiré informou ao rei onde ele fora concebido. Levaram-no em sua companhia, e o trataram com o maior carinho.

Desiré o amava e tanto lhe era caro que nem de dia nem de noite poderia separar-se dele. Após dois meses com o pai, tendo já conhecido a família, levantou-se cedo um dia, vestiu-se e equipou-se, e montou o cavalo de caça. Foi ao encontro do pai quando este, saindo da igreja, preparava-se para montar. Disse a Desiré:

— Senhor, escuta; quero despedir-me de ti. Devo voltar à minha dama, não posso ficar mais tempo aqui.

— Ai! Meu bom filho! Pelos santos de Deus não me mates! Por certo mais valeria morrer do que te ver partir para longe de mim.

— Senhor, cumpre que eu assim faça.

Esporeou o cavalo e pôs-se a caminho, afastou-se a todo galope. Desiré montou, ansioso por alcançar o filho que temia ter perdido. Foi atrás dele a toque de esporas, repetidas vezes chamando-o pelo nome, pedindo que parasse e lhe falasse um instante. Mas o outro não lhe deu ouvidos. Continuando em seu caminho, o rapaz penetrou na floresta. Pelo dia todo Desiré o seguiu até a caída da noite. O valete ia veloz e Desiré apertava o passo até o momento em que seu cavalo tropeçou, foi chocar-se contra uma grande árvore, e rolou por terra. Desiré apeou, e passou a andar conduzindo o cavalo. Neste dia teve muito trabalho e sofrimento. Perdera o filho, não sabia em que direção tinha ido.

Mal entrara no bosque quando, olhando à direita, percebeu um fogo a arder debaixo de um carvalho copado e folhudo. Sabei o que Desiré pensou ao notar a fogueira? Que algum rico-homem estava deitado ali, que iria caçar na manhã seguinte, ou então já teria caçado nesse dia, mas ficara naquele

lugar para pernoitar. À luz do fogo que avistara, foi para lá rapidamente. Achou apenas um anão, vestindo uma roupa de seda muito justa. Triturava pimenta em um almofariz; sobre um braseiro cozia pedaços de carne de um javali de tamanho avantajado.

Desiré adiantou-se; saudou o anão com gentileza, mas ele nada respondeu. Cumprimentou-o outra vez em voz mais alta, cuidando que o anão fosse surdo ou mudo. O anão atravessou a folhagem; largando o almofariz e a pimenta, foi correndo pegar o cavalo de Desiré e o levou para um canto, onde retirou-lhe o freio, livrou-o da sela e lhe deu capim fresco para comer. Voltando para junto do cavaleiro, preparou-lhe um leito de ervas, juncos e urzes; sobre o leito estendeu uma ampla coberta de tecido bordado e fez então com que o cavaleiro se sentasse nele. Mas não quis falar-lhe, voltou a triturar sua pimenta. Quando acabou de espremer a pimenta e a comida ficou pronta, foi pegar duas bacias de ouro e pendurou ao pescoço uma toalha. Trouxe a água ao cavaleiro e passou-lhe a toalha para enxugar as mãos. Desiré reconheceu as bacias assim que as viu: a rapariga que ele de início havia encontrado na landa as carregava; não quis dar sinal disso ao anão. Este lhe pôs na frente um guardanapo, o saleiro e as facas, e pouco depois dois bolos de farinha. Em uma grande copa de ouro fino o anão verteu o vinho; em uma escudela de prata serviu os pedaços de carne. O cavaleiro tomou a faca e cortou uma grande fatia, molhou-a na pimenta e a ofereceu ao anão, que a comeu. Destampou a copa, deu-lhe o primeiro gole de vinho. Nunca comia uma porção sem outra igual lhe repassar. O anão, notando suas boas maneiras e vendo como ele era franco, amável e educado, não pôde mais evitar lhe dirigir a palavra, e falou:

— Senhor cavaleiro, não sois tolo nem grosseiro; sede bem-vindo aqui. Ainda que me batam por isso, se vos agrada

falarei convosco; já não me importa a proibição. Seja como for, fui enviado a vosso encontro — alegrai-vos, pois — para vos abrigar e servir. Eu fui avisado de vossa vinda.

Respondeu-lhe o cavaleiro:

— Amigo, eu te agradeço. Boa sorte a quem te enviou e me deu este conforto.

— Foi vossa amiga, que vos ama bem mais que a própria vida.

— Minha amiga, ó Deus! Então estou muito a meu gosto.

— Por minha fé, senhor, estais certo, pois farei o possível para que possais falar com ela. Se estiveres disposto a me acompanhar, levar-vos-ei para perto de sua câmara, de onde vos mostrarei o leito dela.

— Amigo, de boa vontade irei contigo.

Quando terminaram de comer, o anão conduziu Desiré ao castelo em que estava sua amiga. Chegando junto à câmara, não acharam porta nem janela, exceto uma no final à direita. Dentro viram velas acesas, de claridade intensa. No meio do quarto havia um leito bem-arrumado e guarnecido; nele se deitavam duas donzelas, adormecidas segundo creio. O anão chamou Desiré, mostrou-lhe a situação, e falou:

— Senhor, olhai; é vossa amiga que ali está deitada, e é a irmã dela quem lhe está ao lado. Entrai sem receio. Achareis uma rapariga, creio que a reconheceréis; à luz da vela ela está costurando uma túnica pertencente à minha senhora.

Desiré se preparou e pulou pela janela de pés juntos, mas, perdendo o equilíbrio, foi cair na frente do leito, ferindo gravemente o costado. O barulho reboou pelo quarto todo. A irmã de sua amiga despertou, ficou apavorada e gritou; mandou os guardiões se levantarem depressa e se armarem. A rapariga, que estava de vigília a costurar a túnica, pegou Desiré pela mão e o levou para fora, dizendo:

— Cavaleiro, estou mantendo o acordo que acertei contigo. Se tivesses sido capturado nesta câmara, estarias morto, eu te previno. Trata de evitar por gentileza que eu tenha desperdiçado o serviço que te prestei, se acaso, de tua parte, não me retribuíres nunca com teu serviço.

— Sinceramente, bela, por minha fé eu te asseguro que, havendo oportunidade, eu te recompensarei pelo serviço.

— Senhor, não me esqueças.

— Tal não farei, amiga.

A rapariga seguiu com ele até darem com o anão. Com a mão esmurrou-lhe o peito, e exclamou:

— Anão perverso, tresloucado! Por que traístes este homem de bem? Vai embora, foge daqui!

Ele se foi a toda pressa, e os dois chegaram junto à fogueira. Desiré sentia o ferimento, reclinou-se no leito; julgava que haviam escarnecido dele. Quando viu o dia clarear, colocou a sela e montou, regressando então à sua terra.

Fora seriamente ferido no costado, e nesse estado permaneceu por longo tempo, até que o rei deliberou reunir a corte em sua morada em Calatir. Em Pentecostes convocou todos os vizinhos e os seus barões. A grande maioria correu, dado que amavam seu senhor. Como íntimo do rei, Desiré compareceu às festividades. Na saída da igreja, após ouvirem missa, quando o rei já sentado à mesa solene se dispunha a comer, veio entrando pela sala, sobre uma mula de boa andadura, uma rica donzela acompanhada por uma jovem. Estavam faustosamente vestidas, seus trajes valiam cem marcos de prata; cavalgavam sobre duas mulas brancas e levavam no braço dois bonitos gaviões. O rei e os que estavam com ele as contemplavam com admiração. Belas eram elas em demasia, de corpo, de rosto e de gestos. Com elas seguia um donzel, naquele tempo nunca

houve tão formoso. À frente da mesa se detiveram, e a mais velha saudou o rei:

— Senhor, ouvi-me. Aqui venho para confiar à vossa guarda este valete, pois é muito nobre e valente. Dai-lhe armas e providenciai para que esta jovem se case. Verdade é que sou mãe deles e Desiré é o pai. Com ânimo favorável havereis de cuidar de quem é filho de tão bom cavaleiro e de uma dama tal como sou. Suma honra vos faço hoje ao me deslocar de minha terra em visita a vossa corte. Dizei-me agora o que vos parece.

O rei, tendo ouvido toda a sua gente, outorgou o pedido. Muito insistiu para que ela desmontasse:

— Quero hospedar-vos em meu castelo; antes que a reunião da corte se encerre, farei com que o valete seja armado cavaleiro e a rapariga dada em casamento.

— Rei, assim não pode ser. Cumpra-se antes o meu desejo. Fazei-me desposar meu amigo, pois quero levá-lo junto. Legitimamente seremos reunidos, viverá comigo por toda a sua existência. Já não precisará de confissão, nem de penitência, nem de perdão.

O rei mandou trazer armas, quis armar o jovem no dia seguinte. Então, o próprio rei lhe cingiu a espada e depois lhe deu a acolada. Participavam dos festejos dois reis, o de Morois e o de Leonois; cortesmente ajoelhados, eles lhe calçaram as esporas. Acabando de ricamente armá-lo cavaleiro, o rei, na presença de todos os barões, declarou que tomaria a jovem como esposa e faria dela sua rainha. Para si mesmo a conservará, pois tão bela jamais vira nenhuma.

Desiré quedava-se à parte, muito ansiava por ter a amiga como esposa, e que ela naquele lugar lhe fosse entregue. Caminharam juntos para a igreja e ali foram casados. Na volta, a donzela despediu-se; queria ir para seu país. Disse ao esposo:

— Monta, Desiré, meu belo amigo, aqui vamos nós. Agradecemos ao rei da Escócia; já nosso filho foi armado, tu o deixarás nesta terra, assim como tua filha casada. Foi para nós um dia esplêndido. Fica sabendo com certeza que eles viajarão para nos ver sempre que puderem.

Desiré montou, foi-se embora com sua amiga a guiá-lo. Com ela ficou, de tal sorte que não voltou nunca; de retornar jamais sentiu desejo. Os que souberam desta aventura compuseram um lai — que se chama Desiré.

## Tyolet

Outrora, no tempo em que Artur reinava governando a Bretanha, mais tarde chamada Inglaterra, o país não era tão populoso como agora é, segundo penso. E no entanto Artur, rei de grande mérito, tinha consigo cavaleiros muito bravos e altivos. Nos dias de hoje ainda há bom número de cavaleiros ousados e afamados, mas não da maneira como eram em tempos passados. Os cavaleiros mais valorosos de então, os melhores, os mais generosos, costumavam vagar pela noite adentro em busca de aventuras.

Também de dia eles saíam, sem ajuda de escudeiros. Seguiam cavalgando um dia inteiro, às vezes dois ou três, sem encontrar pousada ou castelo. E até mesmo na escuridão noturna achavam belas aventuras para ser contadas e recontadas. Na corte as narravam, tal como haviam ocorrido.

Os dignos clérigos daquele tempo as punham todas por escrito. Eram redigidas em latim e registradas em pergaminho, para serem repetidas quantas vezes se desejasse. São ainda recitadas nestes dias, traduzidas do latim para o francês. A partir delas os bretões compuseram muitos lais, conforme nos afirmam nossos antepassados.

Uma dessas aventuras eu vos direi, segundo o conto que conheço, sobre um valete belo e engenhoso, atrevido, soberbo e corajoso, que se chamava Tyolet. Sabia muito bem pegar animais, com seu assovio pegava todos que queria. Uma fada

lhe dera o dom e o ensinara a assoviar; nunca criou Deus tal besta que seu assovio não cativasse.

Uma dama, sua mãe, com ele morava em um bosque. Ela tivera por marido um cavaleiro que lá ficava noite e dia. Viviam sozinhos na floresta, em torno de dez léguas não havia casa. O pai morrera quinze anos atrás. Tyolet já havia crescido, era alto e de bela aparência, mas nunca na vida tinha visto cavaleiro armado; de fato raramente via outras gentes.

Habitava com a mãe no bosque, em dia nenhum se afastara dali. Vivia confinado na área da floresta porque sua mãe o amava muito; dentro da mata andava a seu bel prazer, de nada mais se ocupava. Quando as bestas escutavam seu assovio acorriam prontamente, ele matava as que escolhia e as levava para sua mãe. Disso viviam ele e ela, sendo que o rapaz não tinha nem irmã, nem irmão.

A dama era muito prendada e se comportava lealmente. Um dia pediu ao filho, com gentileza pelo tanto que o amava, que fosse ao bosque pegar um cervo. Ele obedeceu à ordem, foi depressa ao bosque como a mãe mandara.

Por lá andou até a hora terça, sem avistar cervo nem qualquer outra caça. Estava muito aborrecido consigo mesmo por não ter achado animal algum. Pensava voltar direto para casa, quando viu debaixo de uma árvore um cervo de porte avantajado, e no mesmo instante assoviou. O cervo ouviu e olhou para ele; sem esperar, foi-se embora. Com passadas lentas saiu do bosque. Tyolet foi em seu encalço e foram seguindo adiante até um rio, que o cervo atravessou. O rio era caudaloso e torrencial, largo, longo e perigoso. Enquanto o cervo atravessava, Tyolet espiou em volta. Atrás de si viu aproximar-se um cabrito montês gordo e taludo. Parou e assoviou e o cabrito veio em sua direção; o rapaz tomou a faca na mão e a espetou no corpo do animal, matando-o ali mesmo.

Estava a escorchar o cabrito, quando do outro lado do rio o cervo se transfigurou. Assumiu forma humana, com aparência de cavaleiro. Completamente armado, postou-se à beira d'água, montado num cavalo de crinas sedosas, tal e qual um cavaleiro em armas.

O valete o contemplava, nunca vira nada semelhante; por um longo tempo ficou olhando espantado. Maravilhava-se de jamais ter visto tal coisa, fitava-o atentamente. O cavaleiro interpelou-o, começou a falar gentil e amavelmente. Perguntou-lhe quem era, o que procurava, que nome tinha. Valente e atrevido, Tyolet respondeu que era filho da dama viúva da grande floresta, e acrescentou:

— E sou Tyolet para os que querem chamar-me pelo nome. Dize-me agora, se sabes, quem és e que nome tens.

E aquele que continuava na margem replicou logo que o chamavam de cavaleiro, ao que Tyolet indagou que espécie de besta “cavaleiro” seria, de onde viria e por onde iria. Disse o outro:

— Por minha fé, vou-te explicar, não te direi uma só palavra mentirosa. Trata-se de uma besta muito temida; agarra e come outras bestas, costuma rondar pelo bosque e também pela planície.

— Por minha fé, ouço maravilhas. Pois desde que aprendi a andar e comecei a caminhar pelo bosque nunca pude encontrar tal besta. Conheço ursos e leões e todo tipo de caça; não há bicho no bosque que eu não conheça e não pegue sem medo, exceto a ti de que nada sei. Pareces mesmo uma fera bravia. Dize-me, pois, bicho-cavaleiro, que é isso sobre tua cabeça, e que é o que tens pendurado ao pescoço. É vermelho e brilha muito.

— Por minha fé, eu te direi sem mentir em nada. É uma coifa, chamada de elmo, toda de aço. E o mantel de que estou revestido é um escudo, com banda de ouro.

— E o que é isso que estás vestindo, cheio de furinhos?

— É uma cota d'armas, feita de ferro. É chamada de loriga.

— E de que estás calçado, dos joelhos aos pés? Dize-me por favor.

— São chamadas grevas; são de ferro, benfeitadas e bem trabalhadas.

— E que tens à cintura? Queres dizer?

— Espada é o nome, e é belíssima, de lâmina afiada e de boa têmpera.

— E esse pau comprido que carregas? Fala, não me escondas nada.

— Queres saber?

— Sim, por certo.

— É uma lança, que levo comigo. E agora acabei de te dizer a verdade sobre tudo que me perguntaste.

— Senhor, eu te agradeço. Praza a Deus que não mente que eu possa ter equipamento tal como tu tens, tão bonito, tão fino; tal cota tivesse eu e tal mantel como tens, e um tal chapéu! Dize-me agora, bicho-cavaleiro, por Deus e por sua festa: existem mais bestas assim, e são elas tão belas como és?

— Sim, com certeza. Eu te mostrarei mais de cem.

Não demorou nem um pouco, como nos diz o conto, e duzentos cavaleiros armados cruzaram a pradaria vindo da corte do rei. Cumprindo as ordens reais, tinham tomado uma fortaleza, e depois a incendiaram e reduziram a cinzas. Estavam de volta, ainda armados, em três esquadrões de fileiras cerradas. O bicho-cavaleiro então falou com Tyolet e o mandou ir um pouco à frente e olhar para o outro lado do rio. Ele fez o que

fora ordenado. Foi logo olhar, e viu passar os cavaleiros armados de ponto em branco sobre seus corcéis. E exclamou:

— Por minha fé, agora vejo as bestas que levam coifas na cabeça. Nunca vi bestas como estas, nem tais coifas, como vejo aqui. Queira Deus que, em sua festa, um bicho-cavaleiro eu me torne.

Nisso, o que permanecia com suas armas junto à margem voltou a falar-lhe:

— Hás de ser bravo e audaz?

— Sim, por minha fé eu te garanto.

— Vai-te agora. Quando revires tua mãe, ao te falar ela dirá: “Belo filho, que pensas? Que há contigo?” E tu lhe responderás na mesma hora que tens bastante em que pensar, que gostarias de te parecer com o bicho-cavaleiro que viste, e que é por isso que estás tão pensativo. E ela te dirá logo que muito lhe pesa que tenhas visto essa besta que engana e mata as demais. E lhe dirás que, por tua fé, ela haverá de sofrer desgosto por tua causa se não logreres ser tal besta e usar tal coifa na cabeça. Ao ouvir isso, ela não tardará a trazer-te todo esse equipamento, cota, mantel, coifa, cinta, grevas e um longo e polido fuste de madeira, tudo enfim como viste aqui.

Então Tyolet partiu, ansioso em voltar para casa. Ao chegar, deu à mãe o cabrito que trouxera e contou sua aventura exatamente como se passara. A mãe lhe retrucou que muito lhe pesava “que tu tenhas visto essa besta que pega e come muitas outras”. E ele:

— Por minha fé, agora é assim; se tal besta não puder ser como aquela que vi, bem sei e te previno que sofrerás desgosto por mim.

Sua mãe, porém, ao ouvir isso, depressa o atendeu; trouxe-lhe todas as armas que tinham pertencido ao marido. Com

elas, deixou o filho muito bem armado. E quando ele montou a cavalo, bem parecia um bicho-cavaleiro.

— Sabes tu, belo filho, o que farás agora? Irás direto ao rei Artur. Mas uma coisa te aconselho: não procures a companhia de nenhum galanteador de ofício, seja homem ou mulher.

Com isso, ela o abraçou e beijou e ele se despediu.

Tanto viajou, dia após dia, através de montes, vales e descampados, que chegou à corte daquele rei que era tão cortês e valente. O rei sentara-se para comer, servindo-se com a maior fartura. Assim como vinha, armado dos pés à cabeça, Tyolet foi entrando e avançou a cavalo até o lugar da mesa onde Artur estava. Nada lhe disse nem pronunciou sequer uma palavra. Foi o rei quem falou:

— Amigo, desmonta e vem comer conosco. Dize-me o que procuras, quem és, qual é teu nome.

— Por minha fé, eu vos direi, pois antes disso não vou comer nada. Rei, meu nome é bicho-cavaleiro; de muitas bestas já cortei a cabeça, e me chamam de Tyolet. Sei caçar muito bem. Belo senhor, sou filho da viúva da floresta. A vós ela me envia, certamente para aprender tudo sobre boas maneiras. Quero aprender bom senso e cortesia, quero saber sobre cavalaria, como justar e participar de torneio, como gastar e dar presentes. Pois nunca houve corte real, nem jamais existirá segundo creio, onde haja tanta riqueza, requinte, cortesia e bons ensinamentos. Já vos disse o que vim buscar, ó rei; dizei agora o que vos parece.

— Dom cavaleiro, eu te aceito, vem comer.

Tyolet desmontou então, livrou-se das armas, vestiu uma túnica e cobriu-se com um manto leve. Lavou as mãos e foi comer.

Eis que nesse momento apareceu uma rapariga, uma orgulhosa donzela. Da beleza dela não quero falar, pois não se po-

deria achar coisa mais linda. Nem Dido jamais, eu creio, nem mesmo Helena teria face tão clara. Era filha do rei de Logres. Vinha montada em um palafrém branco, levando na garupa um cachorro braco da mesma cor. O braco, de pelo muito fino e bem-cuidado, trazia um guizo de ouro pendurado ao pescoço. Sempre a cavalo, chegou diante do rei e assim o saudou:

— Rei Artur, senhor, Deus vos salve, o todo poderoso que mora no alto.

— Bela amiga, que te guarde aquele que mantém os bons a seu lado.

— Senhor, sou uma donzela, filha de rei e de rainha. Meu pai é rei de Logres; ele e minha mãe não têm outros filhos. Eles vos pedem em nome da amizade, a vós, belo senhor, que sois rei de grande valor: se houver dentre vossos cavaleiros um que seja audaz e aguerrido o bastante para cortar a pata do cervo branco, que esse cavaleiro vá buscá-la para mim. Eu o tomaria por marido, nenhum outro me serviria. Nenhum homem terá meu amor se não me der a pata branca daquele cervo belo e grande, cujo pelo de tão luzidio quase parece dourado. E por sete leões ele é muito bem guardado.

— Por minha fé, eu garanto o acordo nessas condições: que te receberá por mulher quem te der a pata do cervo.

— E de minha parte, ó rei, eu me comprometo a cumprir esse acordo.

Nestes termos, o acordo foi firmado entre eles dois.

No salão não houve cavaleiro que, tendo alguma vez agido com louvor, não dissesse que iria em busca do cervo, desde que soubesse como achá-lo. Disse a donzela:

— Este cão braco vos conduzirá até onde o cervo costuma vaguar.

Lodoer desejou ser o primeiro a procurar o cervo. Pediu permissão ao rei Artur, e este não a recusou. Pegou o braco, montou a cavalo, partiu em busca da pata do cervo.

O cão que ia com ele guiou-o diretamente a um rio muito largo e extenso, de água negra, turbulenta e caudalosa. Quatrocentas toesas tinha de largura e pelo menos umas cem de profundidade. O braco se meteu na água, confiando por instinto que Lodoer também entraria, mas ele não fez nada disso. Disse que não entraria, pois não tinha desejo algum de morrer. Ao cabo de um momento, disse consigo mesmo:

— Eis o que penso: *quem não tem a si mesmo nada tem; guarda um castelo quem se cuida bem.*

O braco então saiu da água. Foi para junto de Lodoer e ele, levando atrás o cachorro, retornou de imediato à corte, onde muitos barões estavam reunidos. Devolveu o braco à donzela, que era bela e cortês como nenhuma outra.

Perguntou-lhe o rei se trazia a pata, e Lodoer replicou que muitos além dele ainda seriam escarnecidos, ao que todos no salão começaram a caçoar dele, e ele a sacudir a cabeça e dizer que fossem eles buscar a pata e a trouxessem.

Foram muitos os que partiram em busca do cervo, pretendendo conquistar a donzela. Não houve quem não acabasse cantando a mesma cantilena que Lodoer, valente como era, havia entoado — salvo um somente, que era um cavaleiro muito bravo e habilidoso; bicho-cavaleiro o chamavam e Tyolet era seu nome.

Tyolet se dirigiu ao rei e pediu insistentemente que guardasse para ele a donzela, pois iria buscar a pata branca. Jamais, afirmou, iria voltar sem antes ter cortado a pata direita do cervo branco. O rei lhe deu permissão para partir, e Tyolet revestiu a armadura e armou-se bem com suas próprias armas.

Foi então solicitar à donzela seu cão braco de pelo branco. Ela o cedeu de bom grado e ele se despediu.

Depois de longa cavalgada, chegaram, ele e o cão, ao vau, local de travessia do grande rio impetuoso de águas profundas e assustadoras. O braco se jogou na água, cruzou a nado para o outro lado. Montado em seu cavalo, Tyolet seguiu atrás do cão branco até sair d'água, alcançando terra firme. Daí o braco continuou a guiá-lo, e lhe mostrou onde estava o cervo branco.

Sete enormes leões guardavam o cervo, pois o amavam de grande amor. Olhando em volta, Tyolet o avistou no meio de um prado, pastando; nada se via dos sete leões. Tyolet espo-reou o cavalo e se aproximou do cervo. Começou a assoviar e o cervo veio caminhando muito mansamente em sua direção. Tyolet assoviou sete vezes, o cervo estacou. Sacou rápido a espada, agarrou a branca pata direita do cervo, cortou-a rente às juntas e a enfiou na algibeira.

O cervo soltou um bramido agudo e os leões acudiram velozmente, e se depararam com Tyolet. Um deles golpeou o cavalo em que ele vinha com suas pesadas armas, a tal ponto que lhe arrancou o couro e a carne da espádua dianteira direita. Ao ver isso, Tyolet empunhou a espada e feriu um dos leões, cortando-lhe os tendões do peito; esse ao menos parecia fora de combate. Mas, com ele em cima, seu cavalo tombou por terra e Tyolet teve de abandoná-lo. Os leões o atacaram por todos os lados, romperam sua boa loriga, em muitos lugares feriram-lhe a carne dos braços e do costado, por pouco não o devoraram. Rasgaram-lhe toda a carne, mas ele acabou matando os dois; livrara-se deles, mas escapara por muito pouco.

Caiu ao lado dos leões que o haviam tratado tão mal, deixando seu corpo a tal ponto dilacerado. Já não conseguia levantar-se por si mesmo.

Eis que, de repente, apareceu um cavaleiro montado em um cavalo cinza. Enxergou Tyolet e se deteve, soltando lamentos e dando mostras de se inquietar por ele. Tyolet, que adormecera de cansaço, abriu então os olhos. Contou ao recém-chegado sua aventura, a estória toda do começo ao fim. Tirou a pata da algibeira e a entregou ao cavaleiro. Este lhe agradeceu muito, pois ter consigo a pata era o que ele mais fortemente desejava.

Despediu-se de Tyolet e partiu. No caminho, ocorreu-lhe que, se o cavaleiro que lhe dera a pata sobrevivesse e não deixasse o país, ele próprio poderia ficar mal. Voltou atrás na mesma hora, decidido a matar aquele cavaleiro, que assim não poderia mais tarde desafiá-lo. Em pleno peito o golpeou (desta chaga Tyolet haveria de se curar), cuidando tê-lo matado.

De novo pôs-se a caminho, e prosseguiu até chegar à corte real. Perante o rei veio reclamar a donzela, exibindo a pata branca do cervo. Mas não trouxera o branco cão braco que conduzira Tyolet ao cervo. Tyolet o havia conservado consigo, manhãs e noites, mas isso escapou à atenção do outro cavaleiro. Aquele que tinha trazido a pata do cervo, fosse quem fosse que a decepara, com base no acordo exigia a donzela — que tão incomparavelmente era nobre e bela.

Mas o rei, que era tão sábio, por Tyolet ainda não ter chegado impôs um adiamento de oito dias. Findo esse prazo, reuniria a corte inteira, dado que só os da casa real, gente de sangue muito nobre, ali estavam no momento. O cavaleiro se conformou com a demora e decidiu aguardar na corte.

Gauvain, porém, que era tão cortês e entendido em todos os preceitos, foi procurar Tyolet. Como o cão havia reaparecido, ele pôde levá-lo consigo. Em pouco tempo o braco o guiou até o lugar onde encontrou Tyolet, desmaiado no meio do prado junto aos leões. Quando Gauvain viu o valente cavaleiro e a manança que realizara, lamentou muito por ele. Desmontou logo

e lhe falou com doçura. Tyolet respondeu e, a despeito da voz fraca, contou a pura verdade sobre a aventura que lhe sucedera.

Foi então que chegou uma donzela, montada numa mula das mais garbosas. Cumprimentou Gauvain gentilmente, e ele retribuiu a saudação. Depois a chamou a si, estreitou-a em seus braços, e lhe rogou doce e amavelmente que conduzisse esse cavaleiro tão digno de louvor ao médico da Montanha Negra. Ela atendeu ao pedido, levou o cavaleiro e, da parte de Gauvain, o recomendou e confiou ao médico. Este o acolheu de boa vontade. Retirou-lhe as armas, deitou-o em uma mesa e lavou as chagas que estavam cobertas de sangue. Depois de tratá-lo cuidadosamente, e de remover o sangue coagulado, previu que ele iria sarar; em um mês estaria perfeitamente bem.

Nesse ínterim, Gauvain havia regressado à corte, desmontando na entrada do salão. Lá encontrou o cavaleiro que trouxera a pata branca. Ele permanecera na corte até passar o prazo de oito dias. Então, dirigiu-se ao rei, saudou-o, e cobrou o compromisso que a donzela assumira e do qual o próprio rei era fiador: quem quer que lhe desse a pata branca, ela tomaria por marido. Disse o rei:

— É bem verdade!

Quando Gauvain escutou tudo isso, adiantou-se imediatamente e disse ao rei:

— Não é assim. Embora não me caiba, diante de vós que sois rei, desmentir um cavaleiro, nem sequer sargento, servidor ou escudeiro, eu diria que ele age de forma enganosa: jamais obteve a pata do cervo da maneira que descreve. É uma grande vergonha para um cavaleiro gabar-se dos feitos de outro cavaleiro, vestir-se com o manto alheio, atirar com flechas que não lhe pertencem, assumir louvores por falsos feitos, justar pela mão de outrem e com ela tirar para fora da moita a serpente que é tão temida. Desta vez nada disso vai acontecer, o que

dizes nada vale. Arranja outro lugar para teu assalto, vai fazer fortuna em outra parte, pois a donzela não irás levar.

E o cavaleiro retrucou:

— Por minha fé, dom Gauvain, agora me tomas por vilão, ao me dizer que não ousa sair com minha lança em riste para justar, e que sou bom em atirar com as flechas dos outros e com a mão dos outros tirar a serpente da moita. Não há ninguém, assim eu creio e sustento, que se disponha a provar isso em luta comigo e que não me encontre pronto em campo aberto.

Enquanto estavam nessa disputa, deram com os olhos em Tyolet, que entrava na sala; ele chegara havia pouco, e desmontara sobre o bloco de pedra junto à entrada. O rei ergueu-se para saudá-lo, lançou os braços em volta do pescoço, e então beijou-o em sinal de grande afeto. Tyolet inclinou-se, como vassalo diante de seu senhor. Gauvain o beijou, e Urien, Keu e Yvain filho de Morgain, e também Lodoer, foram beijá-lo, assim como todos os demais cavaleiros.

Ao ver isso, o cavaleiro que pretendia ter a donzela em vista da pata que havia trazido, e que Tyolet lhe dera, dirigiu-se de novo ao rei Artur e insistiu em seu pedido. Mas Tyolet, ao perceber que ele reclamava a donzela, falou-lhe com gentileza, pedindo de modo amistoso:

— Dom cavaleiro, dize-me, enquanto estás na frente do rei, qual razão alegas para ter a donzela; é isso que desejo saber.

— Por minha fé, eu te direi: é porque lhe trouxe a pata branca do cervo arredio. Ela e o rei haviam assumido esse compromisso.

— Cortaste tu a pata do cervo? Se isso é verdade, não seja negado.

— Sim, eu a cortei e para cá a trouxe comigo.

— E quanto aos sete leões, quem os matou?

O outro olhou para ele, não disse palavra, em vez disso enrubescceu e se inflamou, e novamente Tyolet o interpelou:

— Dom cavaleiro, quem foi ferido com espada? E quem foi aquele que o feriu? Dize-me por obséquio. A mim me parece que foste tu.

O cavaleiro curvou a cabeça, muito envergonhado. E Tyolet prosseguiu:

— Pois foi como diz o povo: *pelo bem desperdiçado, fica o pescoço quebrado*, visto que cometeste tal desfeita. De boa fé te entreguei a pata que cortei do cervo, e foi essa a paga que me deste em troca, por pouco não me matando. De fato eu deveria estar morto. Pelo que te dei, agora me arrependo. Com a espada que trazias me trespassaste o corpo, certamente tencionavas matar-me. Se queres contestar em combate o que afirmo diante destes barões, estendo minha luva ao rei Artur.

O cavaleiro reconheceu que o que Tyolet dizia era verdade, e de pronto lhe pediu mercê. Mais temia a morte que a vergonha, não contradisse em nada seu relato. Na frente do rei se rendeu a Tyolet, disposto a fazer o que ordenasse, e ele o perdoou, conforme o conselho recebido do rei e de todos os barões. Ajoelhou-se e teria beijado seus pés, mas Tyolet o fez erguer-se e o beijou afetuosamente. O cavaleiro devolveu-lhe a pata. Nunca mais ouvi falar dele desde então.

Tyolet tomou nas mãos a pata do cervo e deu-a à donzela. Ela ultrapassava em formosura a flor-de-lis e a rosa nova, primeira a desabrochar no calor do verão. Tyolet pediu-lhe a mão, o rei Artur a deu e a donzela consentiu. A seu país ela o conduziu; ele foi rei e ela rainha. De Tyolet o lai aqui termina.

## Guingamor

Vou contar-vos a aventura que encontrei em um lai; não é invenção minha, é tudo verdadeiro. E o lai se chama Guingamor.

Havia outrora na Bretanha um rei a governar o país, um varão muito nobre, mas não sei ao certo qual era seu nome. Tinha um sobrinho sábio e cortês, chamado Guingamor, bravo cavaleiro e homem sensato. Por causa de seu valor e de sua bela aparência o rei o tratava com grande apreço. Queria fazer dele seu herdeiro, pois não podia ter filhos. Por sua vez, Guingamor se fazia amar, sabia prometer e sabia dar, honrava cavaleiros, escudeiros e sargentos. Em todo lugar o queriam bem por ser franco e bem-educado.

Um dia, querendo divertir-se, o rei foi caçar na floresta. Seu sobrinho se fizera sangrar nesse dia e se sentia um pouco indisposto. Não podendo ir ao bosque, resolveu ficar em casa retendo consigo vários companheiros do rei. Levantou-se no início do dia e foi ao castelo distrair-se. Lá o encontrou o senescal e o abraçou. Depois de algum tempo de conversa, sentaram-se diante de um tabuleiro de jogo.

Saindo de seu quarto para ir à capela, a rainha se deteve junto à porta. Era esbelta, muito bonita e gentil. Ficou longo tempo parada, sem dar um passo nem se mexer, a olhar o cavaleiro que via jogando ao tabuleiro. Formoso lhe parecia, belo de corpo, feições e estatura. De uma janela vinha um raio de sol iluminar-lhe o rosto em cores vivas. Tanto a rainha o con-

templou, que para ele se mudaram todos os seus pensamentos, foi tomada de amor por sua elegância e nobreza.

Voltou ao quarto, chamou uma serva:

— Vai até o cavaleiro que está sentado em frente ao tabuleiro, esse Guingamor, sobrinho do rei, e dize-lhe que venha ter comigo.

A serva aproximou-se do cavaleiro, saudou-o da parte de sua dama, e lhe disse que viesse falar com ela.

Guingamor interrompeu o jogo e seguiu a serva. A rainha o chamou a sentar-se a seu lado. Ele não conseguia imaginar por qual motivo ela o tratava tão bem. A rainha falou primeiro:

— Guingamor, tu és muito valoroso, bravo e cortês e de boa aparência. Rica sorte te espera, do mais soberano amor podes gozar. Tens amiga cortês e bela; no reino não conheço dama nem donzela de igual valor. Ela te ama com grande amor, faz dela tua amante.

— Dama, não sei como poderia amar seriamente uma mulher sem tê-la visto, sem me relacionar com ela e conhecê-la. Nunca soube de nenhuma, nem quero, por ora, me ocupar com assuntos de amor.

— Amigo, não sejas tão esquivo; é a mim que deves amar, nada de recusas; pois te amo de coração e amarei por toda a vida.

O cavaleiro pensou e respondeu com sensatez:

— Bem sei, dama, que devo amar-vos, como esposa de meu rei e senhor.

— Não falo de amor nesse sentido; quero amar-te como meu amante, e que eu seja tua amante. És belo, eu sou gentil; se dedicares teu empenho a amar-me, muito poderemos nós dois aproveitar.

Ela o puxou para si e beijou-o. Guingamor entendeu o que ela dizia, e que espécie de amor solicitava; sentiu vergonha e enrubescou. Afastou-se contrariado, quis sair do quarto. A

dama tentou retê-lo segurando-o pelo manto, cujas presilhas acabaram se rompendo. Foi então para fora, sem o agasalho. Retornando ao tabuleiro, sentou-se de novo, muito perturbado. Tanto se irritara que nem lembrava do manto, e desagasalhado continuou jogando.

A rainha estava assustada, cheia de receios por causa do rei. Do jeito que Guingamor lhe falara, demonstrando de tal forma sua reação, tinha medo de que a acusasse e a deixasse mal perante o rei seu tio. Chamou uma serva com quem tinha intimidade, deu-lhe o manto, e mandou-a a Guingamor. A serva lhe pôs o manto sobre as costas e se retirou. Ele, enquanto isso, estava tão angustiado e pensativo que nem notou.

Até o entardecer permaneceu a rainha com medo, quando o rei chegou da caça e se sentou para comer. Muito bem passara o dia, todos os seus companheiros estavam alegres. Depois de comer gracejavam e riam, trocando relatos de suas aventuras; cada qual falava de seus feitos, o que dera errado e o que dera certo.

Guingamor não estivera lá, para seu pesar. Ficou quieto, sem dizer palavra, com a rainha a observá-lo. Para atormentá-lo e aborrecê-lo, ela se pôs a falar de algo que para cada um dos presentes era motivo de desgosto. Voltando-se para o cavaleiro, disse:

— Em demasia tenho ouvido te gabarem e contarem tuas aventuras. Mas ninguém há tão valente — dentre todos vós, aliás, que vejo aqui — que ousasse ir à caça e soar a trompa lá fora na floresta, naquele lugar onde vive o javali branco, mesmo que lhe dessem mil libras de ouro. Maravilhoso louvor mereceria quem pudesse capturar o javali.

Todos os cavaleiros se calaram, não querendo se expor. Guingamor, entretanto, compreendeu que ela lançara esse desafio com vistas a ele. Na sala estavam todos cabisbaixos, não

se ouvia nem queixa nem protesto. O rei foi o primeiro a se manifestar:

— Dama, muitas vezes ouviste sobre a aventura da floresta. Pois fica sabendo: muito me desagrada quando falam dela, onde quer que seja. Nenhum dos que saíram a caçar o javali conseguiu voltar. Aventurosa é a mata e o rio é perigoso. Grande dano ali sofri, com a perda de dez dos melhores cavaleiros desta terra que partiram nessa busca.

Nesse ponto acabou a conversa, a companhia se desfez, retiraram-se para seus alojamentos e o rei foi deitar-se. Só Guingamor não lograva esquecer o que ouvira. Entrou no quarto do rei e ajoelhou-se diante dele:

— Senhor, eu vos solicito uma coisa de que tenho necessidade, eu vos suplico que a concedais sem qualquer restrição.

— Estou de acordo, caro sobrinho. Dize qual é teu pleito, fala com segurança. Nada há que possas querer sem que eu faça tua vontade.

O cavaleiro agradeceu e só então revelou qual era o pedido — o dom que o rei, de antemão e sem saber qual fosse, lhe prometera dar:

— Na floresta irei caçar.

E requisitou o sabujo do rei, seu cachorro braco e seu cavalo de caça, e que também lhe emprestasse por um dia sua matilha de cães. O rei ouviu a solicitação do sobrinho, entristeceu-se, não sabia como proceder; quis retirar a promessa e exortou Guingamor a deixar estar, não deveria pedir tal coisa. Não lhe permitiria ir à caça do javali branco, nem em troca de seu peso em ouro, pois jamais haveria de regressar. Se lhe cedesse seu cachorro braco e seu cavalo de caça — de nenhum de seus haveres gostava tanto, não os daria por nada no mundo —, não os veria de novo, estariam perdidos de vez. E afirmou que, se os perdesse, não se consolaria nunca.

Guingamor respondeu ao rei:

— Senhor, pela fé que vos devo, não desistirei por coisa alguma, ainda que me oferecessem o mundo inteiro, de partir à caça do javali. Se não quiserdes emprestar-me o braco que vos é tão caro, o cavalo, o sabujo e a matilha dos outros cães, levarei os meus da mesma forma.

A rainha acabava de entrar e ouviu a conversa. Sabei que o pedido de Guingamor lhe agradou ao extremo, e por isso rogou ao rei que fizesse o que o cavaleiro solicitava. Cuidava assim livrar-se dele, jamais na vida tornaria a vê-lo. Tanto ela suplicou que o rei consentiu. Guingamor pediu licença para sair e retornou alegre a seu quarto. Nessa noite não dormiu um só instante.

Quando viu o dia clarear, mandou aprestar seu equipamento e chamou os companheiros, bem como os demais membros da corte. Todos receavam por causa dele, se tivessem podido fariam tudo para convencê-lo a não ir ou para tentar detê-lo. Guingamor mandou trazer o cavalo de caça emprestado pelo rei na noite anterior, e também levou consigo o cachorro braco, a boa trompa que ele não trocaria por seu peso em ouro, e duas matilhas de bons cães pertencentes ao rei, sem esquecer do sabujo.

O rei veio dar-lhe escolta, assim como o povo todo, burgueses, vilões ou cortesãos, manifestando seu pesar de maneira ruidosa. As próprias damas iam junto, desfazendo-se em lamentos pelo cavaleiro.

Os caçadores se dirigiram ao bosque mais próximo da cidade; os que iam à frente levavam consigo o sabujo. Buscavam rastros do javali, que costumava vagar naquelas paragens. Acharam os rastros e os reconheceram, por já tê-los observado muitas vezes. Seguiram-nos até encontrar o javali em um es-

peço matagal. Soltaram o sabujo e ele se pôs a latir, acuando o javali e forçando-o para fora do matagal.

Guingamor soou a trompa, mandou que soltassem uma das matilhas e seguissem em frente com a outra; deveriam esperá-lo à beira da floresta, mas não entrariam nela. Guingamor deu início à caçada e o javali, desentocado a contragosto do matagal, partiu em disparada. Ladrando alto em seu encalço, os cães o perseguiram até a entrada da floresta, já tão cansados que não aguentavam mais. Tiveram então de soltar a outra matilha. Sem parar, Guingamor soava a trompa e os cães latiam, sempre a acossar a presa e a impedindo de voltar para seu esconderijo. O javali embrenhou-se na floresta com Guingamor galopando atrás, levando na garupa o cachorro emprestado pelo rei.

A escolta formada pelo rei e seus homens e pelos moradores da cidade deteve-se na orla do bosque, o rei não os deixou ir mais longe. Demoraram-se enquanto puderam ouvir a trompa e os latidos, e então regressaram, encomendando a Deus o cavaleiro.

O javali se afastava deixando para trás a maior parte da matilha. Guingamor segurou o cachorro, tirou-lhe a coleira, e ele correu alegre a rastrear a fera. O cavaleiro se esforçava, soando a trompa e apertando o cerco, para ajudar o cachorro do tio, cujos latidos agudos lhe davam prazer. Mas logo o perdeu de vista, já não ouvia seus rosnados e ganidos, e o javali também sumira. Muito contrariado por acreditar ter perdido o braco na espessura da floresta, entristeceu-se pelo tio que gostava tanto dele.

Adentrando na floresta, deteve-se junto a uma colina, muito abatido e desorientado. Era um dia bonito, de tempo claro; de todos os lados vinha o gorjeio de pássaros, mas ele não ligava para nada e não se demorou ali. Ao longe, ouviu o

cachorro ladrar e se pôs a soprar a trompa, ansioso por tornar a vê-lo. Em uma clareira entre as faias viu-o passar com o javali, continuando na direção do descampado. Cuidou que depressa o alcançaria, chicoteou e esporeou o cavalo, não quis poupar-se. Rejubilava-se e dizia a si mesmo que, se pudesse capturar o javali e regressar são e salvo, fariam dele todos os dias e ganharia grande renome.

Em meio à grande alegria que sentia, levava a trompa à boca, tocava e saía da trompa um som maravilhoso. O javali passou à sua frente e o braco o seguia de perto. Guingamor esporeou e disparou a toda brida através da terra aventureira e do rio perigoso, em direção à pradaria, cuja relva brotava verde e florida. Estava a ponto de alcançar o javali, quando avistou à frente um grande palácio; viu as muralhas bem-construídas sem nada de argamassa, tudo revestido de mármore verde. Havia à entrada uma torre que parecia ser de prata a quem a visse, irradiando uma claridade maravilhosa. As portas eram de fino marfim, incrustadas de trifólios de ouro, sem tranca nem fechadura.

Guingamor chegou a galope. Ao ver o portão aberto e o acesso completamente livre, resolveu entrar. Queria saber quem seria o senhor desse palácio; tão rico ele jamais vira, muito se deleitava ao contemplá-lo. Pensava que mais tarde poderia reencontrar o javali antes que tivesse fugido para longe, pois neste momento já estava muito fatigado. Entrou a cavalo, postou-se no meio do palácio e olhou em volta. Nada via que não fosse de ouro, mesmo as salas ao redor eram de pedra do paraíso. O ruim era não enxergar nem homem nem mulher, mas, em compensação, o cavaleiro se alegrava por ter achado uma aventura digna de ser contada em sua terra.

Dando meia volta, voltou rápido a cruzar a pradaria ao longo do rio. Não via mais sinal algum do javali, perdera a caça e o cão caçador. E agora se sentia envergonhado:

— Por minha fé, caí numa armadilha. Portei-me como um tolo: para espiar uma casa pus a perder todo o meu esforço. Se perco meu cachorro e deixo escapar o javali, não haverá mais nada que me alegre, e nem voltarei a meu país.

Pensativo, meteu-se na parte mais alta da floresta e ficou tentando ouvir os latidos do braco. Colocou a mão em concha sobre a orelha direita; tanto ficou a escutar que o ouviu ao longe, e também o javali. Então recomeçou a trompear, indo ao encontro deles. Deu com o javali e correu atrás, incitando e atiçando o braco, até penetrar no descampado.

Lá achou uma fonte debaixo de uma frondosa oliveira, cheia de galhos e folhas, verdejante e florida. A fonte era límpida e reluzente, com saibro de ouro e prata. Uma rapariga se banhava nela, uma outra lhe penteava os cabelos e lavava os pés e as mãos. Tinha belos membros, longos e carnudos; neste mundo não havia coisa tão linda, nem flor-de-lis, nem rosa, como aquela que ali estava toda nua.

Desde que a avistou, Guingamor encantou-se com sua beleza. Puxou o freio do cavalo; vendo suas vestes sob uma grande árvore, sem tardar foi até lá, pegou-as e as colocou no oco de um tronco de carvalho. Quando tivesse capturado o javali, voltaria para conversar com a donzela, estava certo de que ela não iria sair desnuda. Mas ela percebeu e chamou o cavaleiro:

— Guingamor, larga minha roupa. Não queira Deus que se espalhe entre cavaleiros que tu cometeste falta tão grave, roubando as vestes de uma rapariga no meio do bosque. Vem aqui, não tenhas medo. Irás hospedar-te hoje comigo. Penaste o dia todo sem conseguir nada.

Guingamor aproximou-se, trouxe os panos e os devolveu; agradeceu a oferta e disse que não poderia hospedar-se. Ele perdera de vista o javali e o braco que o perseguia. A donzela retrucou:

— Amigo, ninguém no mundo poderia achá-los hoje, por mais que se esforçasse, se não tivesse minha ajuda. Deixa essa loucura, vem comigo, sob a condição — que prometo cumprir lealmente — de que, dentro de três dias, farei prender o javali e o entregarei a ti junto com o cachorro, para que os leves a teu país. Tens minha palavra.

— Bela, aceitarei com prazer a hospedagem, nas condições que declaraste.

Desmontou e ficou aguardando. A jovem logo se vestiu, e a outra que vinha com ela trouxe-lhe uma mula ricamente ajazada, bem arreada, e para ela própria um palafrém, tal como nem conde nem rei teria melhor.

Guingamor seguiu a donzela; depois de a erguer e colocar sobre a sela, montou em seu cavalo e tomou as rédeas. De coração alegre, várias vezes voltava os olhos para ela, vendo-a tão bela, esbelta e gentil. Decidiu tudo fazer para que ela o quisesse como amante. Olhou-a com doçura e pediu que lhe concedesse seu amor. Nunca antes se perturbara seu coração por mulher alguma que visse, nem das aflições do amor jamais cuidara. Ela, muito sensata e educada, deu a entender que o amaria de bom grado, contentando com isso o cavaleiro. Vendo aceito seu pedido, ele a abraçou e beijou.

A companheira galopou à frente, picando esporas. Chegou ao palácio onde Guingamor havia estado (e que lhe parecera deserto!) e o mandou adornar com o maior luxo. Fez com que os cavaleiros montassem e fossem ao encontro de sua senhora e do amigo que com ela vinha. Havia uns trezentos ou mais, nem um só que não vestisse túnica de seda bordada a ouro.

Cada um levava sua amiga, era uma bela companhia; seus valetes levavam gaviões ou bonitos açores, alguns já tendo mudado as penas e outros não. No palácio haviam ficado outros valetes, jogando damas ou xadrez.

Quando Guingamor desmontou, viu os dez cavaleiros perdidos de seu país, aqueles que haviam empreendido a caça ao javali. Todos se ergueram jubilosos para saudá-lo, e Guingamor os beijou. Nessa noite foi muito bem acolhido, gozou de boa comida em abundância, muita diversão e muita cortesia, ao som de harpas e violas, canto de donzéis e de donzelas. Maravilhava-se com tanta nobreza, beleza e fausto.

Era sua intenção ficar ali dois dias, no terceiro iria embora. Queria recuperar o cachorro e apresar o javali, e então ir contar ao tio a aventura que vivera. Depois disso voltaria à sua bem-amada. Mas as coisas se passaram de outra forma, pois acabou permanecendo lá trezentos anos. Morto era o rei e os de sua casa, e toda a sua linhagem. As cidades que conhecera estavam destruídas, em ruínas.

Guingamor solicitou permissão para regressar a seu país, pediu à amiga que providenciasse o javali e o braco, e os entregasse a ele. Disse ela:

— Amigo, tu os receberás, mas partirias em vão. Trezentos anos se passaram enquanto estavas aqui. Teu tio e sua gente estão mortos, não tens mais nem amigo nem parente. Vou dizer-te uma coisa: não há homem tão velho que saiba dar-te qualquer resposta, por mais que perguntes.

— Dama, não posso acreditar que tais palavras sejam verdade. E, se for como dizes, eu regressarei de imediato. Voltarei aqui, eu te afianço.

— Eu te previno porém: desde o momento em que tiveres cruzado o rio para reentrar em teu país, nada debes beber e

nem comer, por mais fome que tenhas, até voltares aqui; senão te darás mal.

Mandou trazer-lhe o cavalo e entregar-lhe o grande javali e, em seguida, o braco puxado pela coleira. Ele recolheu a cabeça do javali, pois mais do que isso não podia carregar. Montou a cavalo e se foi. Sua amiga o acompanhou até o rio, que ele atravessaria de barco, recomendou-o a Deus e o deixou.

O cavaleiro prosseguiu, cavalgando até o meio-dia sem sair da floresta. Não a reconhecia, vendo-a coberta de mato tão feio e tão alto. Ao longe, do lado esquerdo, ouviu um carvoeiro rachar lenha com seu machado, para queimar e produzir carvão. Esporeou o cavalo, aproximou-se e cumprimentou o pobre homem. Perguntou-lhe onde estava o rei seu tio, em qual castelo se encontrava. O carvoeiro respondeu logo:

— Por minha fé, senhor, disso nada sei. O rei sobre quem perguntais, conforme entendo, morreu há mais de trezentos anos, assim como toda a sua corte e todo o seu povo. Quanto aos castelos que mencionastes, há muito tempo desmoronaram. Resta ainda gente velha que costuma contar sobre esse rei e seu sobrinho, que era de uma bravura notável; ele foi caçar nesta floresta mas nunca retornou.

Ao ouvir o que o vilão dizia, Guingamor foi tomado de pena do rei que assim havia perdido. Falou em seguida:

— Presta atenção ao que vou dizer-te, vou narrar minha aventura. Sou eu que fui caçar, cuidando voltar trazendo o grande javali.

E daí começou a contar sobre o palácio que descobrira e como entrara nele, e sobre a donzela que encontrara, como ela o havia hospedado por dois dias inteiros. E acrescentou:

— Então eu parti, e ela me deu para trazer o javali e o cachorro braco.

Confiou ao carvoeiro a cabeça do javali, recomendando que a guardasse ao voltar para casa, e repetisse para a gente do país o que ele acabara de falar. O pobre vilão lhe agradeceu e Guingamor se despediu dele, deixou-o e seguiu viagem.

A hora nona já havia soado, começava a entardecer, quando uma fome voraz se apossou do cavaleiro, a ponto de deixá-lo desatinado. Na beira do caminho que tomara, notou uma macieira silvestre, carregada de pomos enormes. Aproximou-se, colheu três frutas e as comeu. Fez mal, esquecendo o que a amiga aconselhara. Assim que as provou, ficou velho e decrepito, seu corpo tão debilitado que tombou do cavalo, sem poder movimentar os pés nem as mãos. Com voz fraca, quando conseguiu falar, pôs-se a se lamentar.

O carvoeiro o havia seguido, assistiu ao que acontecera, não pensou que ele pudesse sobreviver até a noite. Quis caminhar para junto dele. Viu então chegar duas donzelas ricamente ataviadas e bem-vestidas, que logo desmontaram ao lado de Guingamor. Muito censuraram o cavaleiro, repreendendo-o por desobedecer às ordens, cumprindo mal sua obrigação. Com cuidado e delicadeza o seguraram, fizeram-no sentar sobre um cavalo; conduziram-no até o rio e o atravessaram com ele em um barco, levando também o cachorro e o cavalo.

O pobre vilão chegou em casa de noite, trazendo a cabeça do javali. Por toda parte contou a aventura, confirmando-a sob juramento. Apresentou a cabeça ao rei, que a exibiu em muitas festas. Para celebrar a aventura, o rei mandou compor um lai com o nome de Guingamor, e é assim que o chamam os bretões.

## Espinheiro

Quem quer que condene os lais como mentirosos, saiba que eu não os tenho por sonhos. As aventuras que encontrei, e que são narradas de formas diversas, não as conto sem fundamento. Fui achar estórias que são ainda conservadas em Carlion no mosteiro de Santo Aaron, e são conhecidas na Bretanha e em diversos outros lugares. Gostaria de vos lembrar uma aventura sobre dois jovens, cujo manuscrito encontrei, e que por longo tempo ficou no esquecimento.

Havia na Bretanha um donzel ajuizado, cortês, corajoso e belo. Filho de rei, nascera de uma concubina. Viviam com o pai e a madrasta. O rei lhe queria bem, não tendo outros filhos homens, e a rainha gostava muito dele. Além disso a rainha tivera de outro marido uma filha. Educada e cortês era ela, bela e nobre, também filha de rei. Ambos eram, pois, de origem igualmente alta. Não eram porém da mesma idade; o mais velho, o valete, que era o mais crescido, não tinha mais de sete anos. Já nessa época gostavam muito um do outro; entendiam-se bem e estavam sempre prontos a brincar juntos. A tal ponto chegava sua mútua afeição que um não sabia estar sem a companhia do outro.

As crianças, ao que parece, foram criadas juntas. A menina acompanhava o menino, e aquele que estava encarregado de cuidar deles dava-lhes permissão para tudo, não lhes negava nada, nem de beber, nem de comer, exceto deitar na mesma cama — mas disso eles não tinham vontade.

Tão logo atingiram a idade em que a Natureza o permite, dedicaram-se de coração a amar-se. Entre eles haviam mantido aquele afeto por inúmeros dias, mas agora neles se alojava o verdadeiro amor que a Natureza lhes trazia. Nenhum deles deixou de senti-lo. Fazia-os entender que seu divertimento passara a ser beijar-se e abraçar-se. A tanto os levou que afinal os reuniu no mesmo querer, e o sentimento antigo tomou uma outra forma. Quanto mais cada um se apercebia, tanto mais forte o amor neles crescia.

Muito lealmente se entreamavam. Se empregassem a disfarçar seu amor cuidado igual ao que dedicavam a se amar, dificilmente os pegariam. Mas logo foram surpreendidos. Succedeu que o cortês e belo donzel voltou um dia da caça no rio com dor de cabeça, por causa do calor. Recolheu-se a um quarto, fugindo do barulho e da algazarra; foi-se deitar a sós para aliviar um pouco o mal-estar. Sua querida estava na câmara da rainha, que se ocupava a lhe dar bons conselhos. Logo que ela soube de sua chegada, não esperou quem a acompanhasse, nem disse nada a ninguém: foi direto para o quarto onde o amigo se deitava.

Ele a acolheu com satisfação, pois não a vira ainda nesse dia, e ela sem nada recear deitou-se a seu lado. Cem vezes o jovem a beijou apaixonado. Por certo se portaram loucamente, pois a rainha percebeu; dirigiu-se ao quarto em passo silencioso. Achou a porta aberta, sem nenhuma fechadura que a detivesse, e entrou de imediato. Indo em frente, achou-os onde eles se estendiam entrelaçados. Reconheceu claramente os gestos amorosos de que se serviam. Muito se irritou a rainha, agarrou a rapariga pelo pulso, arrancou-a da cama com certo custo. Levou-a de volta à sua câmara, censurando-a pelo caminho. Depois a colocou de castigo e lhe impôs severa punição; muitas penas ela sofreu.

O donzel se affligiu ao escutar as pancadas e repreensões com que a mãe a disciplinava. Não sabia o que fazer ou dizer; sabia que ela passava vergonha e que, tendo sido descobertos, ele a perdera. Agoniado pela amiga e abatido com o que acontecera, não ousava sair do quarto. De todo coração se lamentava:

— Ai de mim, que farei? Não poderei viver sem ela. Ó, Deus! Que má sorte e que desgraça! Agi como um louco. Por certo se não puder reaver minha amiga bem sei que perderei a vida por ela.

Enquanto assim se queixava, a rainha foi ao rei e lhe contou do início ao fim como eles se haviam comportado. O rei replicou que ela deveria daí em diante vigiar a rapariga, e ele faria o mesmo com o valete e o reteria na corte; assim ficariam separados:

— E trata de manter o assunto em segredo!

Nisso deixaram as coisas, mas aquele que se lamentava não demorou mais tempo; veio ao pai na mesma hora, gentilmente argumentou:

— Senhor, um dom lhe solicito. Se quereis me ajudar em alguma coisa, peço que me armeis cavaleiro, pois desejo ir a outro país como mercenário para conquistar a fama. Fiquei tempo demais grudado à lareira, sem aprender sequer a manejar a espada.

O rei não lhe recusou, concordou com o pedido, contanto que permanecesse por um ano em sua corte. Neste meio tempo deveria participar dos torneios e guardar as passagens e desfiladeiros — *Muitas vezes encontra uma aventura quem na sua própria terra anda à procura.*

O donzel concordou, não se atrevendo a contradizê-lo. Continuou na corte com o pai, e a rapariga na câmara da mãe. Mas os dois eram tão vigiados que não podiam conversar, não

tinham qualquer oportunidade de falar nem de escutar, quer pessoalmente ou por intermédio de mensageiro, o que tornava seu amor ainda mais sofrido.

Oito dias antes da festa de São João no mesmo ano em que o valete foi armado cavaleiro, voltou o rei da caça, tendo capturado uma profusão de aves e animais diversos. À noite, terminada a ceia, sentou-se o rei sobre um tapete próximo da mesa, pretendendo divertir-se; com ele estavam muitos cavaleiros cortesões, e tinha ao lado o filho. Ouviram o lai de Alis que um irlandês acompanhava em sua rota; muito docemente o cantou e tocou. Depois deste, iniciou um outro, sem que se escutasse qualquer ruído ou discussão; tocou para eles o lai de Orfeu, e quando terminou os cavaleiros puseram-se a conversar. Recordavam as aventuras ocorridas na Bretanha a que haviam presenciado.

Entre eles havia uma jovem. Ela disse:

— No vau do Espinheiro, durante a noite de São João, acontecem mais aventuras que num ano inteiro. Mas nenhum cavaleiro covarde iria ficar de vigília por lá nessa noite.

O donzel, ardoroso como sempre, escutava atento. Ainda não havia encontrado aventura, desde que cingira a espada, em que pudesse comprovar em meio ao perigo se era bravo ou covarde. Quando ela acabou de falar, dirigiu-se ao rei e aos barões:

— Senhores, diante de vós me atrevo a prometer — ouvi-me todos, pequenos e grandes — que nessa noite de que falou a rapariga eu me postarei no vau do Espinheiro, e lá enfrentarei qualquer aventura que me suceder, quer seja mole ou seja dura.

Ao ouvi-lo o rei sentiu pesar. Tomando a coisa como uma infantilidade, disse:

— Belo filho, deixa de loucuras!

— Não, eu não desisto, irei de qualquer maneira.

Percebendo que o filho não cederia o rei não quis mais opor-se:

— Pois vai com a graça de Deus. Sê bravo e confiante, e que Deus te dê boa sorte. Foram todos deitar-se pelo resto da noite.

O cavaleiro esperou com impaciência até o transcurso do sétimo dia. Sua amiga se enchera de temor, tendo ouvido a notícia de que seu amigo iria, a todo risco, montar guarda no vau aventuroso durante aquela noite.

O dia se arrastava até que, ao cair a noite, o cavaleiro teve um feliz pressentimento. Armou-se com boas armas, montou um bom cavalo, foi direto ao vau do Espinheiro. E a donzela, o que fez ela? Entrou sozinha em um vergel, desejando rezar pelo amigo para que Deus o devolvesse são e salvo. Suspirou, queixou-se. Depois foi sentar-se à sombra de uma árvore frutífera, consigo mesma se lamentando. Falou:

— Deus, pai celestial, se alguma vez uma oração pudesse ser atendida, e que fosse concedida a alguém uma aventura que o reconfortasse, belo senhor Deus, eu agora vos suplico que meu amigo fique comigo e eu com ele, se assim puder ser. Ó, Deus, como me sentiria aliviada. Ninguém sabe quão dura é minha vida; e nem poderia saber, fora somente aquele que ame a coisa que não terá a nenhum preço. Mas este sabe tudo isso de cor.

Assim falava a donzela, sentada a sós sobre a erva fresca. Procuraram bastante por ela, mas não a encontraram, porque não havia viva alma que soubesse onde ela estava. Enquanto permanecia absorta em seu amor, a chorar e a lamentar-se, o dia chegou ao fim e se fez noite. Sentindo-se um tanto fatigada, reclinou-se debaixo da árvore. Com o coração ainda a palpitar inquieto, em pouco adormeceu por causa do calor. Não dormira por muito tempo quando, não sei como, foi tirada de sob

a árvore e transportada ao vau do Espinheiro, onde o cavaleiro estaria de vigília. Ele não tardou a percebê-la quando chegou junto ao espinheiro; ali deparou-se com a jovem dormindo. Ela acordou sobressaltada, não reconhecia onde estava, muito se espantava. Cobriu a cabeça, sentia muito medo. O cavaleiro a tranquilizou:

— Vamos, tu te assustas por nada. Se és capaz de falar, conversa comigo com franqueza. Se és criatura de Deus, hás de te sentir segura. Mas conta-me tua aventura; por qual meio e de que modo apareceste tão de súbito por aqui.

A rapariga se acalmou; novamente de posse dos sentidos, notou que não estava mais no vergel. Interpelou o cavaleiro:

— Onde estou então?

— Donzela, estás no vau do Espinheiro, onde acontecem muitas aventuras, às vezes boas, outras vezes duras.

— Ó, Deus, agora estou a salvo. Senhor, sou tua amiga; Deus ouviu minha oração!

E foi esta a primeira aventura que sucedeu ao cavaleiro. Sua amiga correu a abraçá-lo, e ele de pronto desmontou, tomou-a ternamente nos braços, por cem vezes beijou a jovem e depois sentou-se com ela debaixo do espinheiro. Ela contou-lhe tudo e lhe disse como adormecera no vergel, e o que mais havia acontecido até o momento em que a encontrara dormindo.

Após escutar tudo, ele lançou um olhar para o outro lado do vau e viu chegar um cavaleiro com a lança erguida para combater. Suas armas eram todas vermelhas, como também as orelhas do cavalo. Este era branco no restante do corpo, e tinha flancos estreitos. Mas o cavaleiro não cruzou o vau, deteve-se no mesmo lugar. O donzel disse à amiga que queria praticar um feito de cavalaria; que ela o seguisse com o olhar, não se movesse dali. Saltou sobre o cavalo, teria afinal

sua justa, mas primeiro tratou de desafiar o cavaleiro postado na outra margem.

Com o máximo ímpeto de seus cavalos lançaram-se um contra o outro, desferindo fortes golpes contra os escudos que logo se amassaram e fenderam, e as lanças se lascaram. Sem sofrer dano ou ferimento, caíram ambos sobre a areia. Não tinham par nem companheiro que os ajudasse a reerguer-se — tratasse cada um de retornar à sela. O chão era plano em toda a extensão; de novo montados nos cavalos, cobriram o peito com os escudos e apontaram as lanças de freixo. O donzel se envergonhava de que sua querida o tivesse visto por terra na primeira justa. Nesse novo embate feriu de tal modo que deixou marcas de seus golpes no escudo do adversário, e este o golpeou de volta; fizeram voar em pedaços a madeira das lanças. Um deles teria de tombar, e foi o das armas vermelhas que largou as alças do escudo e deixou a sela de seu corcel que tão veloz corria. Diante dos olhos da donzela, seu amigo jogara o outro na areia; pegou pelas rédeas o corcel dele, meteu-se no vau e o atravessou, deixando o vencido deitado na margem oposta. Foi até a amiga, junto ao espinheiro, e lhe fez entrega do bom cavalo.

O cavaleiro não ficou no chão por muito tempo, pois em breve foi socorrido. Vieram a ele dois cavaleiros, ajudaram-no a montar um cavalo, e então cruzaram ambos o vau. O donzel ficou temeroso por já não estarem em condições parelhas. Mas não precisava recear: um não teria o auxílio do outro se ele quisesse praticar seus feitos de cavalaria; poderia enfrentá-los da maneira cortês, um de cada vez. Estando todos os três montados, cortesmente e sem alarde os recém-chegados recrutaram o vau. Após pisarem em terra firme não lhe disseram palavra, mas fizeram cara de que estavam dispostos a justar.

Um deles manteve-se quieto enquanto o outro preparou as armas; com toda cortesia aguardou ser chamado a justar com o donzel. Este, frente a tal moderação, logo se tranquilizou, e rememorou o motivo pelo qual tinha vindo pisar os seixos do vau: buscar aventura e ganhar renome. O vassalo decidiu partir para a luta; de lança erguida e escudo ao peito precipitou-se pelo areal na direção do adversário. Os dois espicçaram os cavalos, lançaram-se um contra o outro; com o ferro das lanças se entrechocaram com tal força que as hastes se romperam em estilhaços, mas não tombaram das selas.

Tão fortes eram os cavaleiros que, com os cavalos prostrados no chão, livraram-se dos estribos e passaram a bater-se com suas boas espadas. Começava o combate, em que algum deles haveria de ser ferido, quando o cavaleiro que se mantinha longe do outro lado veio separá-los. Apartou-os, não foi mais desferido nenhum golpe de espada. Então falou ao donzel, dizendo-lhe clara e cortesmente:

— Amigo, monta de novo e justa uma vez comigo, depois poderás muito bem ir embora; não te convém demorar mais, porque não aguentarias até o raiar do dia as penas deste passo perigoso, nem mesmo em troca de toda a cidade de Tiro. Se sofreres dano aqui, ou por desventura fores morto, teu renome se perderia e não serias sequer lembrado. Ninguém saberia de tua aventura, que para todo o sempre permaneceria ignorada. Lá se iria a donzela, além do bom corcel de Castela que conquistaste com tua façanha. Nunca tiveste tamanha riqueza; enquanto o conservares com o freio, não terás necessidade de dar-lhe de comer, e ele estará sempre gordo e luzidio. Nunca viste um mais veloz, nem melhor em todos os aspectos, nem mais bem-dotado para quem justa. Mas, bravo e atrevido como és, não te iludas: assim que o freio for retirado, na mesma hora o terás perdido.

O donzel escutou e entendeu bem que ele falava com razão, que era verdade o que lhe predizia. Queria ir-se com a rapariga, mas quis antes justar com ele; depois poderia afastar-se dali mais dignamente. Pegou uma lança de freixo e junto com as alças do escudo segurou as rédeas. Tomou distância do cavaleiro, em carga feroz os dois arremeteram pelo areal. A toque de esporas foram enfrentar-se, com as lanças firmemente estendidas. Sobre os escudos de prata mutuamente se feriram tão rijamente que os fenderam e despedaçaram completamente, mas não perderam os estribos. Então, firmando-se sobre a montaria, o donzel golpeou tão forte que o outro teria sido jogado para trás se não se agarrasse ao pescoço do cavalo. E o valete passou adiante, tendo quebrado a lança no escudo dele. Executando um giro, voltou ao ataque, e achou o cavaleiro de peito erguido, de novo pronto para a luta. Cada um se cobriu com o escudo e sacou a espada. Deram-se grandes golpes, estilhaçando ainda mais os escudos, mas ainda se mantinham nas selas, não queriam tirar os pés dos estribos enquanto acutilavam e espetavam.

A rapariga assistia apavorada ao combate, temendo muito pelo amigo. Suplicou mercê ao cavaleiro com que ele justara antes, para que ele os separasse nesse mesmo instante. Cortês e bem-educado, ele veio a toda brida meter-se entre os dois. Partiu então com seu companheiro, cruzaram a água, foram-se embora.

O donzel não mais se demorou, voltou na hora para o lado da amiga, que se quedava medrosa sob o espinheiro. Erguendo-a fez sentar-se à sua frente. Com a mão direita foi conduzindo o bom cavalo que ganhara. Sua provação estava terminada! Dia e noite viajaram até chegarem à corte de seu senhor. O rei o avistou, muito feliz ficou, mas muito se admirava de uma coisa: onde teria ele ido achar a donzela? Logo mandou avisar a rainha.

Nesse dia, segundo ouvi contar, o rei convocou seus súditos, tanto os barões como as demais gentes, em vista de um acordo para sanar a discórdia entre dois barões; diante do rei eles se reconciliaram. Na presença de toda essa assembleia, foi então contada a aventura, o que sucedeu ao cavaleiro no vau onde fora ficar de vigília. Primeiramente foi contado sobre a rapariga, como ele a encontrou junto ao espinheiro, depois sobre as justas e sobre o cavalo que ele ganhou do adversário.

O cavaleiro fez da jovem sua mulher. E desde então utilizou o cavalo em muitas missões, perto ou longe, e ricamente lhe provia o sustento. Com tal atenção guardava o corcel que a dama, para apurar a verdade sobre esse animal de que seu marido tanto cuidava, tirou-lhe o bridão da cabeça — e assim foi perdido o cavalo.

Da aventura que contei os bretões fizeram um lai. Pelo que ocorreu no vau, os barões decidiram que o lai não receberia nome senão do espinheiro. Não lhe puseram o nome dos jovens, em vez disso de Espinheiro o chamaram. Lai do Espinheiro se denomina, que bem começa e bem termina.

## Doon

Doon é um lai que muitos conhecem; não há bom harpista que não saiba dedilhar as notas da melodia. Mas quero narrar-vos a aventura na intenção da qual os bretões chamaram este lai de Doon.

Consta-me, se bem recorde, que em Daneborc, que se situa ao norte, habitava outrora uma donzela admiravelmente cortês e bela. Recebera o país por herança, livre de qualquer outro poder senhorial, e em Daneborc [Edimburgo] morava, era seu lugar predileto. Por causa dela e de suas raparigas a cidade era chamada Castelo das Donzelas.

A donzela de quem vos falo orgulhava-se de sua riqueza; desdenhava os homens do país. Não havia nenhum de valor bastante para que ela o quisesse amar, nem desposar, nem mesmo permitir que a viesse cortejar; não queria submeter-se à servidão por conta do casamento.

Todos os fidalgos da terra iam pedi-la repetidas vezes; queriam que ela aceitasse algum por marido, mas de todo lhes negava. Não tomaria esposo salvo se, por amor dela, conseguisse, em um só dia, cruzar o mar desde Hantone [Southampton, provavelmente] até onde ela estava; com tal homem, afirmou, ela se casaria. Com isso pensava livrar-se deles, na certeza de que a deixariam em paz.

Mas as coisas não ficaram assim. Quando os do país souberam — e é tudo verdade o que vos digo —, vários se dispuseram a tentar a prova percorrendo os caminhos prescritos.

Montaram cavalos bem grandes, fortes e de boa andadura, pois não queriam atrasar-se. A maioria não aguentou completar a jornada. Alguns até que terminaram, mas estavam exaustos e abatidos. Depois de desmontarem e entrarem no castelo, a donzela os recebia e altamente os honrava. Em seguida os encaminhava aos quartos onde ficariam sozinhos repousando; a fim de engodá-los, mandava arrumar camas para eles, com cobertas confortáveis de bom pano, e então os fazia matar. Tendo sofrido penas e fadigas, eles se deitavam e adormeciam; no leito macio morriam dormindo. Os camareiros os encontravam mortos e informavam a sua senhora; e esta ficava feliz por haver-se vingado deles.

A longes terras foi levada a notícia da donzela orgulhosa. Na Bretanha de além-mar um cavaleiro a ouviu contar; era homem muito valoroso e valente, e também prudente, cortês e empreendedor. Doon se chamava o vassalo. Tinha um bom cavalo, de nome Baiart, muito veloz — não o trocava por dois castelos. Pela grande confiança que tinha no corcel, quis começar a demanda, quis saber se conseguiria conquistar a rapariga e o reino dela.

O quanto antes atravessou o mar e chegou a Hantone. Enviou um mensageiro para anunciar à donzela sua chegada no país; que ela lhe mandasse alguns de seus servidores privados para lhe dizerem ao certo em que dia deveria apresentar-se. Tendo ouvido os mensageiros dele, ela houve por bem mandar-lhe os seus; indicou-lhe o dia em que deveria vir a seu país.

Foi numa manhã de sábado que Doon se pôs a caminho. Tanto se esforçou que ao entardecer completou a jornada e chegou a Daneborc, onde foi recebido com júbilo. Dentre os cavaleiros e sargentos não houve um só, pequeno ou grande, que não o honrasse e servisse, e o acolhesse com agrado. Após falar com a donzela, levaram-no a uma câmara para repousar

o quanto lhe aprouvesse. O cavaleiro lhes solicitou que fossem buscar achas de lenha bem secas e as trouxessem para o quarto; depois disso, que o deixassem descansar, já que estava exausto da viagem.

Fizeram-lhe a vontade; ele fechou completamente a porta e a deixou trancada, não querendo que algum deles o espiasse. Com as faíscas de uma pederneira acendeu o fogo, e chegou junto às chamas para aquecer-se. Em nenhum momento daquela noite deitou-se no leito que lhe haviam preparado. Se, com as fadigas de tamanho esforço, tivesse querido estender-se nesse leito macio, bem cedo se desgraçaria — *Quem deita sempre no mais duro chão pouco adoce e fica logo são.*

De manhã, logo ao nascer do sol, ele andou até a porta e a abriu; só então se deitou na cama, cobriu-se e dormiu confortavelmente. Os encarregados de ficar de guarda junto à câmara esperavam encontrá-lo morto; em vez disso o viram todo contente, o que para eles foi motivo de satisfação. Doon levantou-se ao raiar do dia, vestiu-se e arrumou-se; foi falar com a donzela para cobrar-lhe o prometido. Ela retrucou:

— Amigo, assim não pode ser; terás de trabalhar mais teu corpo e teu cavalo. Em um dia deverás percorrer o espaço que um cisne atravessa voando. Então te desposarei sem contestação.

Ele pediu uma folga para que Baiart se refizesse e ele mesmo pudesse repousar. O prazo fixado terminou no quarto dia; Doon se preparou para seguir caminho. Baiart galopava, o cisne voava, era de admirar que o cavalo não se estropiasse; o cisne não lograva voar tão rápido quanto Baiart corria. À noite chegaram ao sítio de um rico castelo, onde o cavaleiro foi dignamente hospedado e seu cavalo bem cuidado. Ficou por lá pelo tempo que quis. Quando lhe conveio partiu e regressou a Daneborc.

Exigiu o que fôra combinado. Ela não pôde protelar mais; mandou chamar todos os seus barões. A conselho deles tomou Doon como esposo e o proclamou senhor de seu país.

Depois de casar-se com a jovem, por três dias manteve a corte reunida com toda solenidade. No quarto dia, levantou-se de manhã e lhe trouxeram seu cavalo. Encomendou a mulher a Deus, já que tencionava voltar à sua terra. A dama chorou e prorrompeu em lamentos por seu amigo que se ia embora; pediu-lhe mercê, com doçura, mas de nada lhe valeu. Suplicou-lhe que ficasse, disse que ele a havia traído. Ele nada quis escutar, na pressa de partir. E disse:

— Dama, vou-me embora, não sei te encontrarei de novo. Estás grávida de mim; terás um filho, segundo creio. Guardarás para ele meu anel de ouro, e lhe darás quando já estiver crescido, ordenando que o conserve. Por meio do anel, ele me poderá achar. Tu o encaminharás ao rei da França, lá seja ele criado e educado.

Deu-lhe o anel, ela o pegou, e então ele partiu sem mais demora, foi-se, nem mais um instante ficou. Muito triste estava ela, muito se queixava. Estava grávida de fato.

O filho nasceu a termo, para grande alegria dos familiares. Ela cuidou dele com carinho até o momento em que o menino pôde cavalgar, e ir caçar no bosque ou no rio. Deu-lhe o anel do pai, mandou que o guardasse. O valete foi equipado e enviado ao rei da França. Levava bastante ouro e prata, dispôs-se a gastar com largueza. Na corte se fez amar por distribuir presentes com generosidade. Era muito bem-educado.

Na França permaneceu tempo suficiente para que o rei o armasse cavaleiro, e então saiu em busca da fama, participando de torneios em toda parte, perto ou longe. Não ouvia nenhum pedido de ajuda sem se empenhar em ser o primeiro a acudir. Era muito estimado pelos cavaleiros. Era de extremo

valor, não havia homem tão valente no país, sempre rodeado por uma numerosa companhia de cavaleiros. O valete foi tornar em Mont Saint-Michel, na Bretanha; queria medir-se contra os bretões. Não houve um só que tão bem justasse, ou com mão forte ganhasse tanto. Seu pai defendia o lado contrário; não tardaria a justar com o valete. De lança em riste entrou na liça, invejoso do renome do adversário; a toda brida se precipitaram um contra o outro, grandes golpes entre si trocaram, e o filho abateu o pai. Se o jovem soubesse que o outro era seu pai, muito lhe pesaria pelo que fizera. Mas não sabia quem ele era, nem Doon conhecia seu filho — aquele que tão dolorosamente lhe ferira o braço.

Ao final do torneio, Doon mandou chamar o valete para que viesse falar-lhe, e ele veio a toque de espora. Doon lhe indagou:

— Quem és, belo amigo, que do cavalo me derrubaste?

— Senhor, não sei como aconteceu; os que lá estavam devem saber.

— Mostra-me já tuas mãos.

O valete não foi vilão; tirou de pronto as luvas, estendeu os braços mostrando-lhe ambas as mãos. Olhando as mãos do donzel, reconheceu no dedo dele o anel que havia entregado à mulher, o que muito alegrou seu coração. À vista do anel logo reconheceu o filho, era mesmo seu filho, ele o engendrara. Diante de todos, falou e disse:

— Valete, bem percebi quando hoje justaste comigo que eras de minha linhagem; muito grande valentia existe em ti. Nunca por golpe de cavaleiro eu havia tombado de meu corcel, nem jamais algum outro me desmontará por mais forte golpe que me der. Vem beijar-me, sou teu pai. Muito orgulhosa era tua mãe, com muito esforço a conquistei. Depois de possuí-la, tratei de partir, não olhei mais para ela. Encarreguei-a deste

anel de ouro, dizendo que o desse a ti quando te mandasse para a França.

— Senhor, verdade é.

Beijaram-se e se abraçaram, demonstrando imenso júbilo, e foram juntos procurar alojamento. Viajaram para a Inglaterra; o filho levou o pai para o lado da mãe, que o amava muito e ardentemente o desejava. Ela o acolheu como senhor, e daí em diante viveram cercados de honrarias.

Do cavaleiro e de seu bom corcel, e do filho tão querido, e das jornadas que pela mulher amada empreendeu, compuseram os bretões as notas do lai que se chama Doon.

## Tydorel

A aventura de um novo lai, chamado Tydorel, irei contar-vos tal como aconteceu. O senhor que reinava sobre a Bretanha por direito de herança, sucedendo a tantos outros de sua linhagem, quando jovem tomou como mulher a filha de um duque, a quem pedira em casamento.

Por sua beleza e nobreza o senhor dos bretões a escolhera; muito bem lhe quis e muito a honrou e ela o amou com dedicação. Ele nunca sentiu ciúmes dela, e ela nunca o desmereceu. Juntos permaneceram uns bons dez anos, sem conseguir ter filhos.

Em meados do verão, conforme ouvi dizer os do país, o rei foi morar em Nantes por causa da floresta de que tanto gostava. Um dia ele tinha ido caçar, e a rainha fora passear em um vergel, depois da refeição do meio-dia. Levava consigo damas e raparigas e lá permaneceu com elas. Divertiram-se bastante, várias delas ficaram comendo frutas. A rainha escolheu uma árvore e se abrigou debaixo dela; deitou-se na relva, encostada numa rapariga. Se a rainha estava sonolenta, a rapariga estava quatro vezes mais; adormeceu, baixou a cabeça e nesse momento a rainha despertou.

Quis a rainha juntar-se às outras, mas já não pôde achar nenhuma delas, o que muito a surpreendeu. Olhando para a entrada do jardim viu chegar um cavaleiro a passos lentos, tranquilamente. Era o mais belo homem do mundo, dentre todos que então viviam. Vestia um traje de tecido da Ratis-

bona, era nobre, alto e espadaúdo. Ao vê-lo aproximar-se, encheu-se de vergonha e de temor, mas se conteve um pouco e refletiu. Sabeis o que ocorreu à dama? Que se tratava de algum barão rico que teria vindo falar com o rei e que, por não tê-lo encontrado, dirigira-se a ela e agora lhe cabia saudá-lo.

O cavaleiro cortesmente tomou-a pela mão esquerda, agradeceu suas saudações, e falou:

— Dama, aqui vim à procura de vós, a quem muito amo e desejo. Dizei-me o que sentis, se acreditais poder amar-me com tal amor como vos peço; não me deixeis a implorar por mais tempo. Eu vos amarei lealmente, e se não puder ser de outra forma, irei embora e vós ficareis; sabeis porém que jamais havereis de provar alegria.

A dama o contemplou atenta, admirando seu semblante e sua beleza, e enamorou-se dele perdidamente. Consentiu em amá-lo desde que soubesse quem era, que nome tinha e de onde vinha. E ele falou:

— Por minha fé, eu vos direi, em coisa alguma vos mentirei. Vinde comigo, assim podereis ver, pois nada sabereis senão vendo.

Levou-a consigo, saíram os dois do vergel, encontraram o cavalo que ele havia atado pelas rédeas a uma árvore. O corcel tinha a alvura de uma flor, sob o céu mais belo não havia nem melhor. Achou sua espada e suas armas, prontamente se armou, depois montou e colocou a dama sobre o cavalo, à sua frente, e assim partiram. Não foram longe; ao lado da floresta, na subida de um monte, ele a fez desmontar à beira de um lago. Muitos haviam tentado atravessá-lo a nado, pois se dizia que, para quem conseguisse, nenhuma coisa haveria que imaginasse e não lograsse obter, ou que desejasse saber e não descobrisse.

Fê-la sentar-se na margem e entrou a cavalo no lago. A água se fechou sobre sua cabeça e ele avançou por onde era mais fundo, percorrendo quatro léguas. Ficou a dama quieta, sem se mexer. Ele voltou à tona do outro lado e saiu d'água; veio ter com a dama e lhe disse:

— Dama, neste bosque vou e volto por este caminho. Nada mais me pergunteis.

Colocou-a de novo por sobre o cavalo, e acrescentou:

— Por longo tempo nos amaremos, até sermos descobertos. De mim tereis um filho de grande formosura e o fareis chamar-se Tydorel; muito valente será e muito audaz. Em beleza suplantará todos os cavaleiros desta terra; ninguém jamais lhe fará guerra. Dominará todos os povos vizinhos, pois será capaz de grandes proezas. Será senhor da Bretanha, porém seus olhos não conhecerão o sono, não dormirá nunca. Quando alcançar a idade do entendimento, arranjai quem vele a seu lado o tempo todo onde quer que esteja morando. De cada casa em volta, por seu turno, seja convocado algum homem que possa cantar e diverti-lo, e tenha qualquer coisa que bem ou mal saiba contar — sob ameaça de morte, nenhum se recusará. Depois tereis uma bela filha. Quando crescer, a donzela será dada a um conde nesta mesma região. Terá dois filhos probos, valentes, atrevidos e belicosos, bem dotados de cortesia e de valor; serão excelentes cavaleiros e belos ao extremo. A Natureza os moldará com esmero, dotando-os de nobreza e bravura, e deles nascerão filhos numerosos. Entretanto os de sua linhagem dormirão muito melhor do que as outras pessoas. Deles descenderá o conde Alan e depois dele seu filho Conan.

Tendo terminado de dizer o que pretendia, chegou ao vergel e a desceu ao chão. Voltando os dois ao lugar onde a encontrara, junto dela satisfez todo o seu desejo. Despediu-se então e partiu.

Logo que ele se afastou do vergel, as raparigas que antes haviam sumido retornaram, e a rainha foi embora com elas. Manteve em segredo a aventura. Muitas vezes pôde falar com seu amigo, pois ele voltava com frequência. Seu ventre crescia e se avolumava. O rei ficou sabendo, grande alegria sentiu pela gravidez da rainha, e nem desconfiou da trama. O vilão provoca o vizinho com um dito maldoso: *cuidas do filho que ela leva ao peito, mas pode não ser teu de nenhum jeito*. Pois foi o que ocorreu com o rei desta feita; seu é que não era, e sim de um outro. Estava incrivelmente feliz porque a rainha engravidara, assim como todos os seus servidores e companheiros que nada sabiam do que se passara.

Ao termo da gestação nasceu o menino, e foi bem nutrido e bem cuidado. Tydorel o fizeram chamar-se, e com esse nome devidamente o batizaram. Nunca fechou os olhos para dormir, estava sempre acordado. Maravilhavam-se todos os seus homens que viam isso. Quando, crescendo, chegou à idade certa, passaram a trazer gente para manter-se em vigília com ele, revezando-se a cada noite. Contavam-lhe relatos e fábulas, tal como a mãe dele lhes mandava. A irmã, nascida depois dele, casou-se com um conde.

O cavaleiro que havia engendrado os dois irmãos voltava à rainha repetidamente, pois a amava muito e ela a ele, a não mais poder, até que foram surpreendidos por um vassalo que os viu. Esse cavaleiro jazia na cidade, gravemente ferido. Muito precisava de socorro, já lhe faltava dinheiro. Com esforço ergueu-se, foi à procura da rainha para suplicar que lhe desse algo de seus próprios recursos, pois ela costumava doar generosamente aos necessitados. Roupas, cavalos, ouro e prata muitas vezes presenteava a quem carecesse de ajuda. Achando aberta a porta da câmara onde ela se deitava, o cavaleiro entrou. Ao lado da rainha deparou-se com aquele cuja visão logo

seria para ele causa de tormentos e aflições: segurava a dama entre seus braços, e nesse mesmo instante partiu para nunca mais voltar. Nesse dia o cavaleiro adoeceu, suas dores pioraram; no dia seguinte, na mesma hora em que os vira juntos, morreu.

Depois deste fato que vos contei, faleceu o rei da Bretanha. Proclamaram Tydorel como seu novo senhor; melhor do que ele nunca haveriam de ter, tão bravo, cortês, e valoroso, tão generoso e tão liberal, nem que melhor soubesse manter em paz a terra. Ninguém ousava guerrear contra ele. Era muito amado pelas donzelas e muito desejado pelas damas. Seus homens o apreciavam e serviam, e os estrangeiros o temiam. Por dez anos foi rei poderoso, conforme narram os do país.

Passados esses dez anos em que se manteve no poder, foi morar em Nantes. Gostava muito da região por causa da mãe que lá habitava, assim como seus conselheiros. Enquanto ali permanecia, todo dia chamavam homens, um de cada vez, para passar com o rei as noites de vigília recitando fábulas.

Num sábado, segundo ouvi contar, quando começava a anoitecer, vieram mensageiros buscar em casa o homem designado para apresentar-se ao rei. Já estavam atrasados quando entraram. Uma viúva ali vivia, velha, fraca e doente. Em sua companhia restava um filho que criara por longo tempo. Nunca quisera separar-se dela nem sair da cidade. Ela o confiara a um ourives, que o havia recebido como aprendiz, e era um verdadeiro perito em seu ofício. Com o que lograva ganhar alimentava a mãe no dia a dia e a sustentava dignamente. Mandaram que ele se arrumasse para ir com eles ao quarto do rei, onde velaria com ele durante a noite — tratasse de saber algum modo de diverti-lo! Ele lhes respondeu:

— Ide embora! Não entendo nada disso. Não sei nem fábula, nem cantiga, nem como contar historinhas.

Os mensageiros se irritaram, ameaçaram o rapaz: se não quisesse vir por bem, eles o levariam à força, e o meteriam num lugar em que acabaria indo de mal a pior. A mãe teve grande medo deles, e disse:

— Bom filho, vai com eles.

— Deixa-me estar. Se não souber cantar, o rei me jogará na prisão e me vazará um olho.

— Meu filho, ouça-me. Tu irás velar com o rei. Quando ele te mandar narrar uma estória, ou contar uma fábula ou cantar, responde que tu não sabes nada disso. Se ele se zangar muito, dize-lhe o seguinte: *de homem não nasce, é espírito sem dono, quem nunca dorme nem conhece o sono*. Com isso lhe darás em que pensar, e assim te deixará em paz. Vai, meu filho, com toda confiança, que Deus te dê boa sorte com ele.

Ouvindo esses conselhos, o rapaz dirigiu-se prontamente à corte e penetrou na câmara real. Os mensageiros se retiraram para seus alojamentos e deixaram o rapaz com o rei, que o chamou para junto de si.

Quando o sol se pôs e a noite veio, os camareiros foram deitar-se. O rei se sentou em cima do leito, chamou o rapaz e lhe disse:

— Amigo, fala-me de alguma coisa que me entretenha, é bom que o faças.

— Senhor, nunca contei estórias, que Deus me ajude, nem jamais cantei. Há uns bons quinze anos morreu meu pai, minha mãe é uma mulher pobre, com grande dificuldade me criou. Nunca me afastei dela, bem pouco pude ver ou ouvir, e de menos ainda consigo lembrar.

— Muito me surpreende o que ouço de ti! Não há homem nenhum que saiba tão pouco como dizes que sabes, portanto és ou pretendes ser um tolo consumado. Mas nem desse jeito

conseguirás engambelar-me. Quando eu te deixar ir embora, já não sentirás vontade de caçoar nem de enganar ninguém.

Pôs-se a ameaçá-lo por recusar-se a cumprir seu papel.<sup>1</sup> E ele retrucou:

— Senhor, tal como eu disse, pouco tenho visto ou ouvido, salvo que já escutei contar e recontar por muita gente, como sendo verdade, que *de homem não nasce, é espírito sem dono, quem nunca dorme nem conhece o sono*.

Calou-se o rei, baixou a cabeça. Refletiu angustiado sobre o fato de que não dormia nunca. Entendeu perfeitamente que esse homem ouvira dizer que ele não nascera de homem mortal. Entristeceu-se e sentiu-se perturbado ao se dar conta de que todo mundo repousava e ele permanecia desperto noite e dia. Ergueu-se de súbito, pegou a espada que largara na cabeceira, e entrou no quarto da mãe. Chegou até a cama dela e acordou-a. Ao vê-lo, ela se soergueu apoiada no cotovelo, e falou:

— Filho, mercê de Deus, o que houve? Que queres aqui?

— Por Deus, vais morrer! Não escaparás de minhas mãos se não me disseres a verdade — sou filho de quem? Quero já saber! O homem que devia velar em minha companhia acaba de me dizer em tom de reprovação que, ao que lhe consta, quem não dorme não pode ter nascido de homem mortal. Todos dormem e só eu vivo acordado. Foi o que ouvi agora, e isso me espanta.

— Tudo o que sei, meu filho, de boa vontade te direi. És meu filho, eu sou tua mãe; o rei não foi teu pai. Por dez anos estivemos juntos e não pudemos ter filhos. Nesta cidade, várias vezes, o rei veio morar com sua gente. Um dia foi ao bosque caçar, e eu, para aliviar-me do calor, fui passear em um vergel por sobre o gramado fresco e florido. Levei comigo algumas

<sup>1</sup> Lacuna preenchida: “por recusar-se a cumprir seu papel”.

de minhas raparigas, e jogava com elas. Muito nos divertíamos, boa parte delas provava as frutas. Sentei-me debaixo de uma bonita árvore; ficou junto comigo uma rapariga. Sentia-me sonolenta, e a rapariga também adormeceu. Quando abri os olhos, não consegui acordá-la. Tive muito medo e a deixei sozinha. Para te dizer a verdade, um cavaleiro veio até mim; era belo ao extremo, a Natureza o modelara com capricho, reunindo nele tudo o que sabia criar de mais formoso. Estava muito bem-vestido, era alto, robusto e membrudo. Solicitou meu amor, fez ameaças; disse-me que, se não o quisesse amar, em dia algum estaria contente. Ele iria embora, eu ficaria, jamais teria alegria ou prazer. Senti-me muito amedrontada. Com insistência continuava pedindo meu amor. Tanto me parecia belo e sedutor, tão cortês e tão bem-falante, que o amei apaixonadamente. Perguntei-lhe quem era, respondeu que me mostraria. Conduziu-me para fora do vergel onde amarrara o cavalo; ali mesmo encontrou todas as armas que trouxera consigo. Armou-se garbosamente, seu equipamento era esplêndido. Terminando rápido de armar-se, montou, agarrou-me pela mão direita e me alçou ao pescoço do cavalo e segui com ele desse jeito. Saiba que não estou mentindo sobre coisa alguma! Atravessando o bosque, levou-me ao grande lago onde tanta gente costuma pôr-se à prova e me baixou ao chão. Fiquei sentada, esperando atenta. Saiba agora o que de fato aconteceu: ele se afastou ligeiro e entrou no lago a cavalo, no lugar mais fundo, completamente armado. Lá dentro demorou-se o tempo suficiente para percorrer quatro léguas. Então regressou para junto de mim e voltou a falar, dizendo que ele vinha de seu país quando queria, que ia e vinha por aquela via quando quer que lhe agradasse. E não levava nenhum servidor, nem na ida, nem na volta. Ele próprio carregava seu equipamento, ia e vinha sozinho, não tinha necessidade de companhia. Nunca,

enquanto fui sua amiga, vi pajem ou escudeiro a cavalgar com ele. Dessa mesma maneira vinha ter comigo, e muitas vezes me proibiu, por minha vida, que lhe perguntasse mais sobre sua situação. Nada mais indaguei, assim fazendo exatamente o que ele mandava. Por longo tempo, me disse, haveria de amar-me, até que o descobrissem. Ele sabia com certeza, e muitas vezes me repetiu, que seria descoberto, espiado, reconhecido. Disse ainda que de mim teria um filho que seria muito bravo e nobre, belo, gentil e sedutor, cortês, generoso e liberal, e valoroso a pé e a cavalo. Tu serias um nobre vassalo, serias pequeno, de nenhum modo corpulento, embora muito audaz e valente. Mas jamais pegarias no sono: nem de noite, nem de dia conseguirias dormir. Quando tu chegasses à idade da razão, toda noite eu deveria colocar gente a velar contigo, um homem de cada vez, para cantar e contar estórias. Quando tudo me disse e me instruiu, levou-me ao vergel. Belo filho, esta é a verdade; nesse mesmo dia foste engendrado. Por longo tempo ele veio ver-me, mais de vinte anos segundo creio, até que um cavaleiro o surpreendeu, que de má morte acabou morrendo. Ele se foi, nunca mais voltou, nem sei por qual caminho se meteu.

Quando Tydorel acabou de ouvir tudo isso, deixou a mãe e retornou a seu quarto. Acordou os camareiros e mandou trazer suas armas e seu bom cavalo. Obedeceram às ordens e ele se armou prontamente. Logo que acabou de se armar montou a cavalo. A toque de esporas cavalgou até o lago, penetrou no lugar mais fundo, lá se meteu de tal sorte que nunca mais saiu. Este conto é tido como verdadeiro pelos bretões que compuseram o lai.

## Graelent

A aventura de Graelent vos narrarei, tal como a entendo. O lai é bom de se escutar, é bom reter as notas da melodia com que o acompanham.

Graelent era bretão de nascimento, de origem gentil e parentesco nobre. Era bem-parecido de corpo e seu coração era sincero, e por isso era chamado Graelent Muer, ou seja “o grande”. Nunca herdara grandes riquezas, mas era cortês e prudente, bom cavaleiro de muito valor. Não havia dama no país, por mais rica que fosse, que se recusaria a escutá-lo se ele solicitasse seu amor.

O rei que governava a Bretanha travava uma guerra feroz contra os países vizinhos; convocara cavaleiros e os mantinha a seu serviço, e na verdade Graelent foi um dos que vieram. O rei o acolheu de bom grado por ser tão bom cavaleiro. Apegou-se a ele e o honrava, e Graelent muito penou em torneios e justas, esforçando-se em causar perdas aos inimigos do rei.

Com frequência demonstrava sua hospitalidade e distribuía presentes generosamente. A rainha ouvia como o elogiavam e contavam grandes coisas sobre ele, seu grande valor e suas proezas, sua bela aparência e sua largueza. De todo coração começou a amá-lo. Chamou um de seus camareiros:

— Dize-me, não me escondas: já ouviste falar do bom cavaleiro Graelent? É de fato elogiado por muita gente?

— Dama, é muito valoroso, e muito se faz amar por todos.

— Quero fazer dele meu amigo, por causa dele sem cessar me affijo. Vai, dize-lhe que venha encontrar-me; meu amor lhe entregarei completamente.

— Assim lhe dareis rico presente; surpresa será se não se alegrar com isso. Desde aqui até Troyes não se achará sequer um monge piedoso que, se contemplasse vosso rosto, não soffreria uma mudança em seu coração.

Dito isto, deixou a dama e se dirigiu ao alojamento de Graelent. Cumprimentou-o amavelmente e lhe transmitiu o recado: que fosse falar com a rainha sem demora. E ele respondeu:

— Segue avante, meu bom amigo.

O camareiro se retirou e Graelent preparou-se para sair. Montou um cavalo cinza e foi para o castelo, levando consigo um outro cavaleiro. Desmontaram diante da sala, passaram diante do rei, e foram ao quarto da rainha. Ao vê-los, ela os chamou e os honrou com calorosas boas-vindas. Achegou-se a Graelent e o estreitou em seus braços; fez com que se sentasse a seu lado sobre uma coberta, junto à beirada da cama. Olhou-o com doçura, admirando a beleza do corpo e do semblante. Falou-lhe com toda sinceridade, e ele respondeu com cortesia, sem nada dizer de inconveniente. Por algum tempo quedou-se a rainha pensativa, espantada de ele não pedir que ela o quisesse como amante. Como Graelent nada ainda lhe rogara, perguntou-lhe se tinha amiga, se algum amor o prendia, pois muito merecia ser amado. Disse ele:

— Dama, isso não quero eu; amar não é uma brincadeira. Precisa ser de grande valor todo aquele que aspira a condição de amante. Uns quinhentos falam de amor sem ter a mínima noção do assunto, sem saber o que seja uma paixão verdadeira e leal. Pelo contrário, seu frenesi e sua loucura, sua indolência, mentira e fingimento corrompem o amor de muitos modos.

O amor demanda castidade nos atos, palavras e pensamentos. Se um dos amantes é leal e o outro leviano e falso, então o amor se desgasta, não pode durar muito tempo. De nada vale o amor de um só, sem o do companheiro; bom amor não existe se não for dos dois, entre corpo e corpo, de coração a coração, de outra forma não tem valor algum. Túlio Cícero, que falou da amizade, disse muito bem em seu livro: o que o amigo quer, queira a amiga também, só assim faz um ao outro companhia; se ela não quer, se ele não consente, a amigação não dá certo. Se um contradiz o outro, resta ao amor muito pouco. É fácil encontrar amor, mas, para conservá-lo, precisa-se de sensatez, ternura, franqueza e moderação, lealdade prometida e mantida — pois a nenhuma falta o amor tolera. Por tudo isso não ouse envolver-me.

A rainha ouviu Graelent, que falara tão cortesmente. Se ela não ansiasse tanto por amar, ele a teria feito pensar. Bem via e reconhecia que havia nele bom senso e cortesia. Falou-lhe então mais abertamente, revelou tudo o que se passava em seu coração:

— Amigo, Graelent, eu te amo perdidamente. Jamais havia amado alguém além de meu senhor, mas te amo agora com tal paixão que te concedo meu afeto; que sejas meu amigo pois tua amiga já sou.

— Dama, eu vos rogo mercê, mas não pode ser assim, pois sou mercenário a soldo do rei. Prometi-lhe lealdade e fidelidade, no dia em que me apresentei a ele, na defesa de sua vida e de sua honra. De minha parte jamais sofrerá vergonha.

Dito isso, pediu permissão para retirar-se e se foi. Vendo-o sair, a rainha pôs-se a suspirar; magoada, não sabia o que fazer, mas nem por isso quis desistir. Repetidas vezes o assediava, enviava mensageiros, oferecia ricos presentes — mas ele recusava tudo. Percebendo enfim que nada conseguiria com ele, passou

a odiá-lo. Começou a falar mal dele com o marido, com o firme propósito de difamá-lo.

Enquanto o rei continuava a guerra, Graelent ficou para trás no país. Gastou tanto que nada lhe restava, pois o rei o deixara na espera, suspendendo o pagamento do soldo. Não lhe entregara nem sequer uma parte do pagamento, por instigação da rainha. Ela falava com insistência, aconselhando que nada lhe desse. Alegava que Graelent, se fosse embora, buscaria causar malefícios a ele. Por esta razão o rei o retinha no país, de modo que não pudesse engajar-se no serviço de algum outro.

Que faria agora Graelent? Não é de admirar que estivesse angustiado. Nada lhe sobrava a penhorar, fora um cavalo de caça, na verdade um rocim barato, e o serviço de um valete que ele criara e servia de escudeiro. Seus homens se haviam despedido. Não podia partir da cidade, por falta de montaria adequada, e não contava com nenhuma ajuda.

Era maio, quando os dias são longos. Seu hospedeiro se levantou cedo e foi ao burgo, com a mulher, para comer na casa de um vizinho. Deixou Graelent sozinho; o cavaleiro não tinha ninguém consigo na casa nesse momento, nenhum escudeiro, servidor, ou criado, apenas a filha do hospedeiro, rapariga muito cortês e amável. Chegada a hora da refeição, ela procurou o cavaleiro, rogou-lhe que se animasse e viesse comer a seu lado.

Graelent preferiu não aceitar o convite. Em vez disso chamou seu escudeiro, ordenando que trouxesse o cavalo de caça e lhe pusesse a sela e tudo mais, e acrescentou:

— Vou passear lá fora, não sinto vontade de comer.

O escudeiro lhe respondeu que não tinha sela, e a donzela falou:

— Amigo, eu te emprestarei uma e te arranjarei um bom freio.

O escudeiro foi buscar o cavalo e o arreou em frente à casa. Graelent montou e atravessou o burgo. Vestira um velha peliça já muito usada. Aqueles e aquelas que o olhavam escarneciam e zombavam — bem pouco lhe importavam esses olhares!

Fora da cidade se estendia uma imensa e densa floresta. Por um recanto da floresta, através do qual corria um riacho, Graelent vagueava pensativo, desanimado e abatido. Mal começara a errar por ali, quando dentro de um bosque de folhagem espessa viu uma corça toda branca, mais alva que neve sobre ramo. A corça deu um salto à sua frente, ele incitou o cavalo e picou esporas atrás dela, sem conseguir alcançá-la. Assim mesmo a seguiu de perto, e ela o fez chegar a um descampado, indo em direção a uma fonte de água límpida e fresca.

Ali uma jovem se banhava; duas donzelas a serviam, reclinadas à beira da fonte. As vestes de que se despira estavam estendidas sobre a folhagem. Graelent a viu nua na fonte. Para lá se precipitou a toda pressa, já desinteressado da corça, tanto lhe pareceu linda e esbelta aquela rapariga, de branco e de vermelho colorida, olhos risonhos e formosa testa. Não havia mulher mais bela no mundo, sob o céu nada havia que tanto lhe agradasse; esqueceu de pronto todo o seu infortúnio.

Não a quis tocar na água, deixou-a banhar-se tranquilamente. Foi pegar os trajes dela, cuidando retê-la desta forma. As donzelas perceberam e se assustaram com o cavaleiro. A dama o interpelou encolerizada:

— Graelent, larga minha roupa! Não terás desculpa se a leares contigo e me deixares assim despida; seria cobiça demais e das mais torpes. Devolve-me ao menos a camisa; podes muito bem ficar com o manto, que te renderá dinheiro por ser de boa qualidade.

Graelent respondeu sorrindo:

— Não sou filho de mercador, e nem de burguês, para andar vendendo mantos. Ainda que valesse três castelos não o levaria. Sai dessa água, amiga, toma tuas vestes, trata de vesti-las. Peço-te que venhas falar comigo.

— Sair não quero eu, porque irias agarrar-me. Não me importo com tuas palavras, não sou de jeito nenhum de tua escola.

— Ficarei quieto, guardando tua roupa, até vires para fora. Bela, tens um corpo muito bonito.

Vendo que ele se dispunha a esperar e não queria devolver seu traje, pediu-lhe garantia de que não lhe faria mal. Graelent lhe prometeu, entregou-lhe a camisa e ela logo se vestiu. Ele lhe estendeu o manto, devolvendo-o também, e ela o pôs sobre os ombros. Graelent segurou-a pela mão esquerda, puxou-a para si, requereu seu amor e pediu que fizesse dele seu amante. E a jovem respondeu:

— Graelent, tu pretendes cometer um grande ultraje, não pareces ter juízo. Muito me admira que tenhas a ousadia de falar-me assim. Não sejas tão atrevido pois logo te verias malparado. Homens de tua classe não estão à altura de amar mulher de minha linhagem.

Por julgá-la orgulhosa, Graelent refletiu que por meio de pedidos não a convenceria, ela nada faria para lhe dar prazer. Mas não desejava separar-se dela. Tanto a importunou, tanto a acariciou no afã de seduzi-la que, na espessura da floresta, fez com ela o que bem quis.

Tendo consumado nela seu desejo, rogou-lhe docemente que não se zangasse demais com ele, que em vez disso se mostrasse generosa e compreensiva. Se ela lhe concedesse seu amor, faria dela sua amiga; ele a amaria fielmente e não a deixaria nunca. A jovem ouviu e compreendeu os rogos de Graelent. Viu como era cortês e avisado, belo cavaleiro, bravo e

generoso, e que, se ele se fosse, jamais teria amigo de tão boas qualidades. Aceitou seu pedido e ele a beijou ternamente.

Assim lhe falou ela:

— Graelent, tu me pegaste de surpresa, eu te amo sem reservas. Mas uma coisa eu te proíbo: não dirás abertamente palavra alguma pela qual nosso amor seja descoberto. Eu te darei dinheiro em quantidade, ricas vestes, ouro e prata. Muito bom amor haverá entre nós dois, noite e dia estarei perto de ti. Comigo poderás rir e divertir-te. Tu me verás chegar a teu lado; nenhum de teus companheiros me verá nem saberá quem sou eu. Graelent, és leal, brioso e cortês e assás bem-parecido; por ti eu vim a esta fonte, por ti terei de penar — eu bem sabia que esta aventura me sucederia. Agora trata de agir com moderação; guarda-te de te gabares, não digas o que te faria perder-me. Cumpre que por um ano permaneças no país, mas no final, querido amigo, hás de voltar para cá, porque amo esta região. Vai-te agora, já passa da hora nona; eu te enviarei um mensageiro para saberes quais são meus desejos.

Graelent se despediu dela, abraçou-a e beijou-a. Retornou à sua habitação, desmontou do cavalo, entrou sozinho no quarto e debruçou-se à janela; a aventura o deixara pensativo. Virando o rosto para o burgo, viu um valete se aproximando sobre um cavalo de caça cinzento. O valete vinha puxando pelas rédeas um corcel todo branco, carregando no dorso uma grande mala. Atravessando a rua principal, chegou à morada de Graelent. O valete desmontou e saudou o cavaleiro que viera a seu encontro. Graelent lhe indagou de onde vinha, qual era seu nome, quem era ele, e o outro respondeu:

— Senhor, não tenhais dúvida, sou mensageiro de vossa amiga. Ela vos manda por meu intermédio este corcel, e me ordena que fique convosco. Pagarei vossas dívidas, tomarei conta de vossos aposentos.

Ao ouvir essas boas e alegres novas, Graelent beijou amavelmente o valete. Recebeu de presente o corcel — debaixo do céu não se acharia outro tão belo, nem de melhor porte, nem mais ligeiro. Ele próprio o meteu no estábulo junto com o cavalo de caça do valete. Este descarregou a mala; tirou uma enorme colcha ricamente bordada, de um lado de brocado e do outro de seda, e a estendeu sobre o leito de Graelent. Depois tirou ouro e prata e luxuosos trajes para vestir seu senhor. Mandou vir o hospedeiro, a quem entregou uma grossa soma de dinheiro, determinando que desse por quites seu senhor, e arrumasse bem seus aposentos e providenciasse alimento em abundância; e também que, se aparecesse cavaleiro na cidade procurando comida e alojamento, deveria acomodá-lo na casa.

O hospedeiro era digno e educado, membro valoroso da alta burguesia. Mandou preparar uma farta refeição, vasculhou a cidade à procura de cavaleiros necessitados ou mantidos em prisão, e de cruzados que porventura ali estivessem. Encaminhou-os todos aos alojamentos de Graelent, esforçando-se muito em fazer as honras da casa. Houve uma alegre festa nessa noite, com música e entretenimento. Lá estava Graelent, cheio de animação e ricamente ataviado. Remunerou generosamente os harpistas e os jograis, fez donativos aos prisioneiros, não houve burguês na cidade que lhe houvesse emprestado dinheiro a quem ele não presenteasse e honrasse, a tal ponto que todos o tinham como seu senhor.

Desde então Graelent passou a sentir-se plenamente satisfeito, nada via que lhe desagradasse. Via sua amiga chegar a seu lado, passavam o tempo a rir e brincar. À noite a sentia junto a si. De que poderia queixar-se? Viajava com frequência; não havia torneio no país em que não fosse o primeiro a se apresentar, sendo muito apreciado entre os cavaleiros. Vivia

uma vida prazerosa, muita gozava com sua amiga. Se isso pudesse durar por longo tempo, não saberia o que mais pedir.

Assim foi por um ano inteiro, até um dia que o rei costumava festejar. Todo ano, na data de pentecostes, ele convocava seus barões por proclamas, e todos aqueles que eram seus feudatários estavam reunidos com ele nesse dia, e eram servidos com as maiores honras.

Quando terminaram de comer, o rei fez a rainha subir sobre um banco alto e despir o manto; em seguida, perguntou a todos os presentes:

— Senhores barões, que vos parece? Haveria debaixo dos céus mais bela rainha, dama cortês ou donzela?

Todos acharam conveniente louvá-la, e responderam ao rei afirmando que não sabiam de nenhuma mulher tão bela, quer fosse dama, donzela ou menina. Naquele ano a assembleia foi muito concorrida. A corte havia sido proclamada por oito dias e a quantidade de gente era extraordinária; o próprio Graelent fora convocado pelo rei.

O rei fez sua mulher subir, desta vez sobre uma grande mesa, e, misturando rogos e ordens, conclamou os barões em nome da amizade a ele devida a lhe confessarem se de tão bela dama saberiam. Não houve quem não rendesse loas a ela e não enaltecesse sua beleza — exceto Graelent. Este se calou, rindo consigo mesmo. Em seu coração pensava em sua amiga; tinha por loucura o que os outros faziam, acorrendo aos gritos de todos os lados para elogiar a rainha a tal ponto.

Cobriu a cabeça, voltou o rosto para o chão. A rainha o notou assim mesmo e o apontou ao rei, seu marido:

— Senhor, vede que desonra! Barão algum deixou de me louvar, fora Graelent, que fica zombando de mim. Bem sei que já faz tempo que me odeia; creio que na verdade arde de cobiça por mim.

O rei chamou Graelent e diante dos demais lhe exigiu, pela fé que lhe devia como seu vassalo, que não lhe ocultasse, e sim lhe revelasse, porque baixara o rosto e ficara rindo. Graelent respondeu ao rei:

— Senhor, ouvi-me. Nunca um homem de vossa posição fez tal feito, tal despropósito: colocar vossa mulher em exibição. Não tendes um só barão a quem não obrigastes a elogiá-la. Eles dizem que igual a ela não conhecem. Eu vos trago uma novidade verdadeira: digo que se pode achar outra bem mais bela.

O rei ouviu, muito lhe pesou; conjurou-o a declarar, sob juramento, se conhecia alguma de maior formosura. E ele:

— Sim, uma que vale trinta vezes a vossa.

A rainha mordeu-se de despeito, ao marido rogou uma mercê: que fizesse o cavaleiro apresentar aquela de quem o escutara falar, contando tanta vantagem. Que as duas sejam mostradas lado a lado. Se a outra for mais bela, fique ele quite — senão, que enfrente a punição de direito para a falsidade e a afronta. O rei mandou-o prender; de sua parte não terá o cavaleiro nem afeto nem paz, nem sairá jamais da prisão, se antes não mostrar aquela cuja beleza louvara tanto.

Graelent foi feito prisioneiro. Melhor ter-se calado! Pediu ao rei um prazo de clemência. Percebia que revelara o que não devia e cuidava ter assim perdido sua amiga. Suava de raiva e de aflição — pois era justo: ele merecera acabar mal! Muitos na corte lamentavam por ele, nesse dia foi grande a agitação a seu redor.

O rei lhe deu um prazo até o ano seguinte, quando novamente celebrará sua festa. De novo convocará seus aliados, seus barões e todos os seus íntimos. Graelent deverá ser trazido, com a obrigação de ter junto de si aquela que tanto havia elogiado diante do rei. Se ela for tão bela e prendada como

dissera, servirá de garantia para ele, que estará quite, nada perderá; se ela não vier, ele será julgado, ficando à mercê do rei — e todos sabiam o que isso implicava.

Graelent partiu da corte, irritado, triste, deprimido. Montou seu bom corcel e retornou a seu alojamento. Procurou o camareiro que a amiga lhe havia arranjado, mas não o encontrou; nesse momento ficou realmente agoniado. Mais queria estar morto que vivo. Retirou-se sozinho para o quarto, implorou piedade à amiga — que ela queira falar com ele! De nada lhe valeu, ela não falará, em menos de um ano ele não a verá.

Graelent se entregava à sua dor, noite e dia não lograva repouso. Não podendo ter a amiga, descuidava da vida. Antes que se passasse um ano, Graelent estava tão prostrado que já não tinha força nem ânimo. Os que o viam achavam surpreendente que ele houvesse durado tanto.

No dia que marcara para celebrar a festa, o rei reuniu uma grande multidão. Os responsáveis por Graelent, seus garantes, trouxeram-no à presença do rei. Este lhe perguntou onde estava sua amiga, e o cavaleiro disse:

— Senhor, ela não está aqui, não posso tê-la de nenhum modo; fazei de mim o que quiserdes.

— Tu falaste como vilão, depreciaste a rainha contradizendo todos os meus barões. Depois de eu terminar contigo, nunca mais falarás mal de alguém.

Em seguida, falou em voz alta:

— Senhores, peço-vos que não o poupeis em vosso julgamento, em face do que Graelent disse para todos ouvirem, cobrindo-me assim de vergonha em minha própria corte. Não me ama com grande amor quem causa desonra a minha mulher. Podeis crer: *quem de propósito teu cão molesta, a ti, sem dúvida, também detesta.*

Os membros da corte se retiraram e foram reunir-se para o julgamento. Por longo tempo permaneceram quietos, sem ruído nem agitação. Sentiam muito pesar pelo cavaleiro a quem lhes cabia julgar. Antes que qualquer deles pronunciasse uma palavra ou se dispuzesse a testemunhar, entrou um valete dizendo que aguardassem um pouco; duas donzelas estavam chegando à corte, como tão belas não havia no reino; elas trariam ajuda ao cavaleiro, se agradasse a Deus, e o livrariam.

De bom grado, esperaram todos eles. Antes mesmo que se movessem dali, as donzelas chegaram, muito bonitas e bem-vestidas. Enlaçadas em túnicas justas de seda, eram ambas muito garbosas e esbeltas. Desmontaram de seus palafréns e os deixaram aos cuidados de dois valetes. Entraram na sala em direção ao rei. Disse uma delas:

— Senhor, escutai-me. Minha senhora vos encaminha um pedido; através de nós duas ela vos roga que por enquanto se suspenda o pleito e não se tome ainda a decisão. Ela virá falar-vos a fim de livrar o cavaleiro.

Nisso que ela terminava de dar seu recado, a rainha começou a sentir-se envergonhada. Não demorou muito até que diante do rei, no palácio, apresentaram-se duas outras ainda mais belas, com um leve rubor a colorir a brancura dos rostos. Ao rei disseram que esperasse, pois sua senhora estava prestes a chegar. Foram olhadas atentamente, e a beleza delas foi elogiada por muitos: de fato existiam mulheres mais belas que a rainha!

E quando chegou a donzela a corte toda se rendeu a ela. Era bela ao extremo: os traços meigos, a expressão plena de doçura, seus belos olhos, belo rosto, belas feições; nada havia nela de imperfeito. Todos a contemplavam com admiração. Vestia-se de seda vermelho-púrpura finamente bordada a ouro, seu manto valia um castelo. Vinha sobre um fogoso

palafém, cujos freios, sela e demais arneses valiam mil libras de Chartres. Saíram todos a vê-la, enaltecendo-lhe a beleza da face e do corpo, do semblante e da postura.

Vinha a galope; ainda a cavalo chegou perto do rei, mas ninguém a levou a mal por isso. Afastando-se dos que a rodeavam, desmontou e deixou solto o palafém. Falou ao rei com cortesia:

— Senhor, ouvi-me, e todos vós também, senhores barões, atentai para minhas razões. Por demais sabeis sobre Graelent. Estais lembrados do que ele disse ao rei perante sua gente, na ocasião da assembleia magna, quando a rainha foi posta em exibição, afirmando já ter visto uma mulher mais bela. Tais palavras são do conhecimento geral. Verdade é que ele disse mal, dado que o rei se encolerizou. Mas numa coisa ele acertou: nenhuma há de tanta beleza que outra igualmente bela não exista. Agora olhai e decidi conforme é direito. Se através de minha vinda o desobriguei, deve o rei então declará-lo quite.

Não houve um só, pequeno ou grande, que não dissesse, para todos ouvirem, que Graelent tinha junto a si uma jovem cuja beleza valia a da rainha. O próprio rei assim julgou, diante de sua corte, absolvendo Graelent de toda culpa; e com isso foi ele dado por quite.

Enquanto o pleito se encaminhava para o final, Graelent não se descuidava. Mandou trazer seu cavalo, desejando ir com a amiga. Acabando de fazer o que pretendia e tendo ouvido o parecer da corte, ela pediu vênua ao rei para partir e logo montou o palafém. Deixou a sala, na companhia de suas serviçais.

Graelent montou e seguiu atrás a toda brida através da cidade, o tempo todo a clamar piedade, mas ela não lhe respondia, nem muito, nem pouco. Tanto seguiram em frente pelo caminho que chegaram à floresta. Mantiveram o rumo através das matas e atingiram o rio que nascia no meio do

descampado, banhando a floresta com suas águas límpidas e radiosas. A donzela cavalgou rio adentro e Graelent quis entrar atrás, mas ela exclamou:

— Foge, Graelent, não entres! Se te meteres n'água, te afogarás.

Ele nem se deu conta da advertência, era tarde demais, já se metera dentro do rio. A água se fechou acima de sua cabeça, com muito esforço subiu à tona. Ela porém lhe tomou as rédeas e o conduziu de volta para terra e então lhe disse:

— Não podes passar, por mais que tentes.

Mandou-o retornar, e de novo penetrou no rio. Mas ele não podia suportar vê-la partir. Entrou n'água a cavalo, a correnteza o levou rio abaixo depois de arrancá-lo do cavalo. Estava a ponto de afogar-se quando as raparigas que acompanhavam a donzela puseram-se a gritar:

— Senhora, pela mercê de Deus, apiedai-vos de vosso amigo. Vede, ele morre com grande dor. Ó, Deus! Malsinado foi o dia em que pela primeira vez lhe falastes e concedestes vosso amor. Vede, senhora, a torrente o carrega; por Deus, tirai-o da aflição. Seria uma desgraça se viesse a perecer, como pode o vosso coração tolerar que isso aconteça? Donzela, vosso amigo se afoga, permiti que receba ajuda vossa; sois por demais cruel e dura. Se não vos dispuserdes a socorrê-lo, haveis de cometer um grave pecado.

A donzela se compadeceu dele ao ouvir essas queixas. Não pôde mais esconder ou disfarçar seus próprios sentimentos. Voltou apressada, descendo o rio, segurou o amigo pelos flancos e o carregou consigo. Quando chegaram à outra margem, removeu-lhe as vestes encharcadas e o cobriu com seu manto. Para sua terra o transportou.

Os do país costumavam dizer que Graelent ainda vivia. Seu corcel, que lhe escapou, voltou à floresta; guardava luto

por seu senhor, não estava em paz nem de dia nem de noite. Por longo tempo, depois, seguia relinchando pelo país, em toda parte o escutavam; quiseram capturá-lo mas não puderam. Desde então, não quis atender ao chamado de nenhum homem, e ninguém conseguia pegá-lo no laço. Por muito tempo ainda continuaram a ouvir, na mesma época do ano em que o dono se separara dele, os relinchos, o tropel dos cascos e o barulho todo que o bom cavalo fazia por seu senhor que havia perdido.

As maravilhas do bom corcel e a aventura do cavaleiro, como ele se foi com sua amiga, espalharam-se por toda a Bretanha. Os bretões fizeram um lai sobre tudo isso; Graelent Muer o intitularam.

## Melion

No tempo em que o rei Artur reinava — aquele que conquistou terras e deu esplêndidos presentes a cavaleiros e barões — tinha ele consigo um jovem, Melion, conforme o ouvi chamar. Muito era cortês e bravo e se fazia amar por todos. Era dedicado à cavalaria, e buscava a companhia dos mais cortesês. O rei mantinha uma rica mesnada, elogiada através do mundo todo pela cortesia e proeza, pelo valor e pela generosidade.

Um dia estavam a renovar seus votos, e deveis saber que os cumpriam. Chegada sua vez, Melion fez um voto que grande mal lhe trouxe: disse que não amaria donzela, por mais gentil e bela que fosse, salvo se ela não tivesse amado outro homem, e nem mesmo falado sobre algum.

Ficou tudo nisso mesmo por longo tempo: os que escutaram o voto de Melion foram repeti-lo em vários lugares, e o contaram às raparigas. E, quando elas ouviram, passaram a odiá-lo desmedidamente por isso. As que serviam a rainha como camareiras, das quais havia mais de cem, tiveram uma conversa a respeito: disseram que jamais o amariam nem falaria com ele. As damas não queriam olhá-lo, nem as donzelas conversar com ele.

Ao perceber isso, Melion ficou bastante abatido, não quis mais buscar aventura, nem cuidou mais de usar armas. Andou muito triste, muito angustiado, perdera um tanto de seu prestígio. O rei ficou sabendo e muito lhe pesou. Mandou chamá-lo e falou:

— Melion, onde foi parar o teu bom senso e o teu brio de cavaleiro? Dize o que tens, nada me escondas. Se queres terra ou castelo, ou outra coisa que possas ter, se estiver em meu poder tu terás à vontade. De bom grado te contentaria, se pudesse. Tenho um castelo que dá para o mar, não existe igual neste mundo. Está ladeado de belos bosques e rios e das florestas de que tanto gostas. Eu o darei a ti para te animar, lá poderás espairecer alegremente.

O rei o concedeu como feudo e Melion, depois de lhe render graças, dirigiu-se ao castelo levando cem cavaleiros. A região lhe agradou muito, assim como a floresta, que era sua paixão. Após um ano de permanência estava enamorado pelo país, pois não havia diversão que pudesse desejar e não fosse encontrar na floresta.

Certo dia, foi caçar com seu mateiro. Com ele iam também seus caçadores, que o serviam e honravam com a lealdade que lhe era devida, como seu legítimo senhor. Logo avistaram um grande cervo; localizada a presa, soltaram rápido os cães. Melion se deteve em um descampado para ouvir ladrar sua matilha. Com ele estava um escudeiro, segurando pela coleira dois lebréis.

Por esse descampado, verde e aprazível, Melion viu aproximar-se uma donzela sobre um bonito palafrém ricamente ataviado. Ela estava vestida em cetim vermelho muito bem-costurado, com laçarotes. Levava amarrado ao pescoço um manto de arminho; rainha alguma jamais teve melhor. Tinha corpo gentil e ombros arredondados, cabelos louros, boca pequena bem-desenhada e colorida como rosa. Seus olhos eram brilhantes, claros, sorridentes; muito lindo era todo o seu semblante. Vinha sozinha, sem companhia, muito esbelta e elegante.

Melion chegou-se a ela e a cumprimentou polidamente:

— Bela, eu te saúdo em nome de Jesus, rei glorioso. Dize-me onde nasceste e o que te traz aqui.

— Eu te direi, sem mentir em uma só palavra. Sou da mais alta nobreza, nascida de linhagem ilustre. Vim da Irlanda para te encontrar; hás de saber que sou toda tua. Nunca tive amor por homem algum, salvo por ti, nem jamais amarei um outro. Ouvi quão fervorosamente te elogiavam, a mais ninguém quis amar fora a ti somente, nem em dia nenhum sentirei amor por mais ninguém.

Quando Melion entendeu que seu voto fora atendido, tomou-a nos braços e beijou-a mais de trinta vezes. Em seguida, chamou toda a sua gente e lhes contou a aventura. Eles contemplaram a donzela; mais bela não havia em todo o reino. Levou-a para seu castelo, em meio a intenso regozijo. Desposou-a com grande pompa e festejos jubilosos. As celebrações se prolongaram por quinze dias. Durante três anos a tratou com o maior carinho. Tiveram dois filhos nesses três anos, o que muito lhe agradou e o deixou feliz.

Um dia, foi à floresta, levando sua querida esposa. Achou um cervo, saíram a caçá-lo, mas o animal vergou o pescoço e fugiu. Melion tinha ao lado um escudeiro carregando sua aljava cheia de flechas. Penetraram em um descampado; ali descobriu um cervo muito grande, de pé dentro de uma moita. Virou-se para a mulher, sorrindo:

— Dama, se eu quisesse, poderia mostrar-te um cervo enorme. Olha, lá está ele naquela moita.

— Melion, por minha fé, fica sabendo. Se eu não puder provar da carne daquele cervo, jamais comerei de novo.

Caiu desmaiada do palafrém. Melion a ajudou a erguer-se, tentando em vão reconfortá-la; ela se pôs a chorar perdidamente. Ele disse:

— Dama, pela mercê de Deus, não chores mais, eu te suplico. Tenho em minha mão direita um anel; ei-lo aqui em meu dedo. Tem duas pedras engastadas, tais como nunca se viu de igual feitura; uma é branca e a outra vermelha. Ouvirás que maravilhas podem realizar: tu me tocarás com a branca e, depois de eu me desnudar, irás colocá-la sobre minha cabeça — e eu me tornarei um lobo grande e forte. Por teu amor vou agarrar o cervo e te trazer uma fátia de sua carne. Por Deus te peço: espera por mim aqui, tomando conta de minha roupa. A ti confio minha vida e minha morte. Não há meio de eu me recuperar se não for tocado depois com a outra pedra; nunca mais na vida voltaria a ser homem.

Chamou o escudeiro e ordenou que o descalçasse. Ele se adiantou, removeu-lhe as botas, e Melion entrou no bosque. Tirou as vestes, ficou nu e se embrulhou no manto. Quando ela o viu despido, tocou-o com o anel. Lobo se tornou, grande e forçudo; em penosa enrascada se metera!

O lobo correu velozmente para onde vira o cervo escondido; logo se pôs a seguir sua trilha, mas só depois de muito esforço haveria de alcançá-lo, capturá-lo e talhar um pedaço de carne.

A dama disse ao escudeiro:

— Agora vamos deixá-lo caçar bastante.

Montou a cavalo, não esperou mais tempo, partiu levando consigo o escudeiro. Retornava direto para a Irlanda, seu país. Chegou a um porto de mar, onde achou uma nave. Tratou com os marinheiros, que a transportaram a Dublin, cidade marítima pertencente a seu pai, o rei da Irlanda. Desde esse momento, teria tudo o que pedisse, pois, tão logo aportaram, foi acolhida com grande alegria. Por hora a deixaremos de lado, para voltar a falar de Melion.

Melion, que caçava o cervo, acoçou-o com seu vigor prodigioso de lobo. Perseguiu-o através do descampado e depressa o abateu. Depois arrancou dele um grande pedaço de carne. Carregando esse naco na boca, voltou apressadamente ao local onde deixara a mulher, mas não a encontrou, já que ela havia regressado à Irlanda. Ficou muito aflito, sem saber o que fazer por não tê-la achado naquele lugar.

Mas, embora fosse lobo, conservava sua razão e memória de homem. Esperou até o entardecer. Viu uma nave recebendo a carga; deveria alçar velas à noite, e seguir diretamente para a Irlanda. Encaminhou-se para perto da nave e esperou que anoitecesse. Aventurou-se a penetrar a bordo, pois já não dava valor à vida. Ocultou-se debaixo de uma grade, agachou-se e ficou escondido. Os marinheiros se apressavam, pois o vento estava a favor. Tomaram o rumo da Irlanda, cada um tinha o que precisava. Içaram as velas, olharam para o céu, e acertaram o curso pelas estrelas.

No dia seguinte, ao amanhecer, viram as costas da Irlanda. E, quando atracaram no porto, Melion não esperou mais; saiu do esconderijo e saltou da nave para a praia. Os marujos gritaram em sua direção e lhe atiraram os remos, um deles o atingiu com um bastão e quase o prenderam; ficou feliz quando conseguiu escapar.

Galgou uma montanha e, do alto, percorreu com a vista o país, onde sabia que estavam seus inimigos. A travessia do mar o exaurira. Ainda tinha o naco de carne, trazido de sua própria terra; sentindo muita fome o devorou. Entrou numa floresta, achou bois e vacas, muitos dos quais estrangulou e matou. Ali começava sua guerra, matou mais de cem nessa primeira sortida. A gente que estava no bosque presenciou o massacre dos animais; foram correndo para a cidade, falaram com o rei e o informaram de que havia um lobo na floresta, prestes a assolar

todo o país; já exterminara grande parte do rebanho. O rei, porém, não levou nada disso a sério.

Melion tanto rodou pela floresta, por montanhas e chapadas desertas, que acabou arregimentando dez lobos. Tanto os encheu de mimos e de agrados que os convenceu a segui-lo e a fazer todas as suas vontades. Percorriam o país, maltratando homens e mulheres. Um ano inteiro passaram assim, devastando o país, trucidando homens e mulheres, arruinando a terra. Sabiam manter-se vigilantes, o rei não acharia jeito de apanhá-los.

Certa noite, tendo vagueado muito tempo, sentiram-se debilitados e exaustos. Entraram para descansar em um bosque perto de Dublin, situado sobre um outeiro à beira do mar, circundado por uma vasta área campestre. Ali seriam enganados e traídos. Um camponês os surpreendeu e correu a avisar o rei:

— Senhor, os onze lobos estão deitados no Bosque Redondo.

Ouvindo isso, o rei ficou muito satisfeito. Chamou seus homens e os alertou:

— Barões, escutai bem. Sabei que este homem viu todos os onze lobos em minha floresta.

Eles estenderam em redor do bosque as redes com que costumavam pegar javalis. Feito isso, o rei montou sem mais tardar. Sua filha disse que iria junto para assistir à caçada dos lobos. Seguiram então para o bosque, disfarçadamente e sem fazer ruído. Cercaram o bosque de todos os lados, pois dispunham de gente bastante, carregando machados e porretes, alguns até com as espadas desembainhadas. Ataçaram um mi-lhar de cães, que logo acharam os lobos. Melion viu que fora traído, percebeu que estava em apuros. Os cães os acuavam, fugindo caíram nas redes, foram todos retalhados e mortos; nem um só escapou vivo, fora Melion, que saltou por cima da

rede. Refugiou-se em um extenso matagal; graças a sua esper-teza, escapara ileso.

Os caçadores regressaram à cidade. O rei se congratula-va, manifestando sua satisfação: dos onze lobos, já tinha dez. Muito bem se vingara deles, somente um lograra escapar. Mas a filha ponderou:

— Era justamente o maior; ainda vai causar muita aflição.

Na fuga, Melion subiu uma montanha. O pesar por ter perdido seus lobos o acabrunhava. Por longo tempo havia pe-nado, mas em breve receberia ajuda.

Artur estava a caminho da Irlanda, com a intenção de promover a paz. Havia conflitos no país, e ele se propunha a conciliar os inimigos. Ele próprio pretendia conquistar os romanos, e queria envolver os irlandeses em sua guerra. Vinha discretamente, sem grande escolta; trazia consigo apenas vinte cavaleiros. Fazia bom tempo, bons ventos sopravam. A nave era rica e espaçosa, o navegador muito experimentado; fôra bem equipada, bem guarnecida de homens e armas. Os escu-dos deles pendiam enfileirados da borda da embarcação.

Melion reconheceu os escudos, primeiro o de Gauvain e depois notou o de Yvain, depois o do rei Yder, todos eram bons de se ver. Distinguiu com facilidade o escudo do rei; sa-bei que sentiu grande alegria ao vê-lo, ficou feliz, rejubilou-se, pois acreditava que ele ainda lhe concederia mercê. Vinham velejando em direção à terra mas, com vento contrário, não conseguiram atracar no porto, para desespero de Melion.

Rumaram para outro porto a duas léguas da cidade. Um grande castelo, agora em ruínas, ali se erguia naquele tempo. Quando chegaram, a tarde já se fôra, era noite fechada. Chegado ao porto, sentia-se o rei fatigado e indisposto, a travessia lhe fizera mal. Chamou seu senescal e disse:

— Vai lá fora descobrir onde eu poderei repousar esta noite.

O senescal saiu e pouco depois, voltando ao navio, chamou os camareiros:

— Desembarcai, vinde comigo preparar o alojamento do rei.

Saindo da nave, caminharam até o castelo. Traziam duas velas, que logo acenderam, além de colchas e tapetes; depressa colocaram tudo no lugar. O rei então desembarcou e veio imediatamente aos aposentos, alegrando-se ao vê-los tão bem-arrumados.

Melion não tardou em vir em direção à nave. Parou nas proximidades do castelo e reconheceu seus novos ocupantes. Bem sabia que, se não obtivesse a proteção do rei, encontraria a morte na Irlanda. Mas não via como proceder: sendo lobo, não podia falar. E não obstante decidiu ir em frente, precisava arriscar-se. Chegou junto à porta do rei; conhecia todos os seus barões, não se deteve nem por um instante, encaminhou-se direto até o rei a despeito do perigo de morte. Deixou-se cair-lhe aos pés, sem querer reerguer-se. Podeis imaginar o espanto geral! Disse o rei:

— Vejo maravilhas! Este lobo veio a mim, vede bem como ele é manso. Ai de quem tocá-lo! Que ninguém se atreva a pôr-lhe a mão.

Quando a refeição ficou pronta, os barões lavaram as mãos, o rei fez o mesmo e sentou-se à mesa, e os pratos foram servidos diante deles. O rei chamou Yder e o fez sentar-se a seu lado. Aos pés do rei, postou-se Melion, reconhecendo bem cada um dos barões. O rei olhava para ele com frequência, deu-lhe um pedaço de pão e ele o pegou e começou a comer. O rei se maravilhava; observou ao rei Yder:

— Olha! Nota como é manso este lobo.

Deu-lhe uma fatia de carne e o lobo a comeu com gosto. Disse então Gauvain:

— Senhor, vede: esse é um lobo desnaturado.

Todos os barões comentavam entre si que jamais se vira lobo tão cortês. O rei mandou trazer vinho em uma bacia, que foi posta na frente do lobo. O lobo viu e pôs-se a beber. E, pelo tanto que bebeu, à vista do rei, deveis saber com quanto desejo estava.

Depois de se erguerem da mesa e de os barões terem lavado as mãos, saíram até a praia. O lobo estava sempre com o rei, em lugar algum a que o rei fosse seria possível separá-los. Quando o rei quis deitar-se, mandou fazer a cama. Foi dormir, estava muito cansado, e o lobo foi com ele; ninguém pôde afastá-lo dali, agachou-se aos pés do rei.

Eis que o rei da Irlanda recebeu mensagem de que Artur vinha vê-lo. Ficou muito contente, rejubilou-se. De manhã bem cedo, ao nascer do sol, levantou-se, convocou os barões e seguiram todos para o porto. De semblante amável se entretiveram. Artur demonstrou ao rei da Irlanda sua afeição e lhe prestou as mais altas honras: ao vê-lo aproximar-se não quis parecer altivo, ergueu-se respeitoso diante dele e o abraçou.

Os cavalos foram aprestados e eles não demoraram a montar para cavalgar até a cidade. O rei Artur, sobre seu palafém, tomava conta de seu lobo, não queria abandoná-lo; o lobo corria o tempo todo rente a seu estribo. Feliz com a vinda de Artur, o rei da Irlanda preparara um longo e vistoso cortejo. Entraram em Dublin e desmontaram à entrada do grande palácio.

Enquanto Artur subia à torre, o lobo o acompanhava, segurando a ponta de seu manto. Quando estava sentado, o lobo se colocava a seus pés. Artur olhou para seu lobo e o chamou para junto da mesa onde os dois reis foram reunir-se, atendidos respeitosa e pelos barões. Por todo o salão, com a maior fartura, foi servido um esplêndido banquete.

Melion, porém, ficou espiando. No centro da sala avistou o escudeiro com quem sua mulher se fôra. Lembrava-se de que

havia cruzado o mar e tinham ido parar na Irlanda. Correu a agarrá-lo pelo ombro, o outro não pôde resistir-lhe, Melion o abateu no meio da sala. Logo o teria morto e estraçalhado se não fossem os sargentos do rei que acorreram com o maior alvoroço. De todos os cantos do palácio vieram com porretes e bastões. Estavam para matar o lobo, quando o rei Artur exclamou:

— Maldito seja quem tocar nele, por minha fé! Sabei que esse lobo é meu!

Yder, filho de Urien, advertiu:

— Senhores, não agistes bem; se o lobo não o odiasse não o teria atacado. Ao que Artur replicou:

— Yder, tens razão.

Artur levantou-se da mesa, foi aonde estava o lobo, e disse ao escudeiro:

— Ou tu confessas por que o lobo te atacou ou vais morrer agora mesmo.

Melion olhou para o rei; agarrou o escudeiro e ele gritou, rogou a mercê do rei dizendo que contaria a verdade. Começou então a relatar ao rei como a dama o levara à Irlanda, depois de tocar Melion com o anel. Tudo lhe disse e revelou, exatamente como havia acontecido.

Artur dirigiu-se ao rei da Irlanda:

— Agora sei bem que é verdade. Quanto a Melion, meu barão, é para mim uma bela notícia. Fazei com que o anel me seja entregue, e também vossa filha que o privou dele; ela o enganou maldosamente.

O rei da Irlanda se retirou. Entrou no quarto da filha levando consigo o rei Yder. Lá com tanta delicadeza e persuasão a tratou que ela lhe deu o anel, que ele trouxe então ao rei Artur. Tão logo viu o anel, Melion o reconheceu; veio ao rei, ajoelhou-se e beijou-lhe ambos os pés. O rei Artur quis tocá-lo com o anel, mas Gauvain não permitiu, dizendo:

— Belo tio, não façais assim! Levai-o a um quarto, ide só vós ambos, reservadamente, de modo que ele não sinta vergonha perante os demais.

O rei preferiu chamar Gauvain e, levando também Yder, conduziram Melion a um quarto. Depois que entraram com ele, o rei fechou por dentro a porta. Colocou-lhe o anel sobre a cabeça; sua face ganhou de novo aparência humana, todo o corpo se transformou. Tornou-se homem e falou. Deixou-se cair aos pés do rei, cobriram-no com um manto. Vendo-o com a forma de homem, irromperam eles numa grande alegria. O rei chorou de piedade e, chorando, lhe perguntou como isso lhe acontecera, por qual pecado o haviam perdido. Mandou vir seus camareiros, fez com que lhe trouxessem ricos trajes. Bem-vestido e equipado levou-o de volta à sala. No palácio, ficaram todos maravilhados ao ver Melion chegar.

O rei da Irlanda trouxera a filha e a apresentou ao rei Artur para que fizesse nela sua vontade, quer pelo fogo, quer pelo cutelo. Disse Melion:

— Eu a tocarei com a pedra do anel, nada me impedirá.

Mas Artur lhe falou:

— Não faças isso! Pelos belos filhos que tiveste com ela, debes poupá-la.

Todos os barões lhe rogaram, Melion cedeu ao que pediam.

O rei Artur permaneceu na Irlanda até chegarem a um acordo sobre a questão da guerra. Voltou então para sua terra, levando Melion consigo. Ele estava feliz, cheio de alegria. Deixou a mulher na Irlanda. Ao diabo a encomendou! Jamais, em dia algum, tornaria a amá-la pelo tanto que lhe aprontara, como ouvistes narrar o conto. Não a quis de volta, antes a deixaria arder ou pendurar na forca. E completou:

— Isto não falha nunca! *Quem por inteiro em sua mulher confia, esteja certo: sempre se estropia.* Não se deve crer em tudo o que elas dizem.

Verdadeiro é o lai de Melion — é o que afirmam todos os barões.

## Nabaret

Na Bretanha foi composto o lai que chamamos Nabaret. Nabaret era um cavaleiro valoroso e cortês, ousado e feroz; muita terra ganhara por herança.

Casou-se com mulher de alta estirpe, nobre, cortês, bela e gentil. Ela só pensava em vestir-se bem e se adornar, vivia coberta de véus e laçarotes. Vaidosa ela era, além da conta. Nabaret não gostava nada disso; a aparência dela já bastaria para agradá-lo, não precisava desses enfeites. Aborrecia-se muito, várias vezes a repreendeu; quando estava a sós com a mulher, zangava com ela repetidamente. Dizia que não era na intenção dele, e sim na de um outro qualquer, que ela se retocava. Pois, para ele, a beleza dela era mais do que suficiente.

Como ela não quis dispensar a seu pedido os véus e laçarotes, nem a petulância com que se exhibia, mandou chamar vários parentes dela. Expôs suas queixas e os exortou a ir falar com a dama. Contou-lhes o que lhe desagradava, que o incomodava ao extremo que ela se comportasse assim.

Ouvi como ela lhes respondeu:

— Senhores, por favor! Se lhe causa pesar que eu me vista e me atavie nobremente, não sei de outro modo de se desforrar senão o que eu lhe recomendo: *deixa a barba crescer, trança os bigodes; só assim, ciumento, te vingares podes.*

Ouvindo a resposta despediram-se da dama. Riram bastante e caçoaram do coitado; espalharam o caso por muitos lugares, pelo simples prazer de contar. E os escolados em compor lais puseram um em letra e música sobre Nabaret, e com o nome dele o intitularam.

## Trote

Uma aventura vos quero contar, muito bem-rimada do começo ao fim. Vou relatá-la tal qual ela ocorreu, em nada vos mentirei. Muito estranha foi essa aventura, acontecida a um cavaleiro muito rico, ousado, corajoso e ativo. Era da tábua redonda do rei Artur, que bem sabia como honrar um cavaleiro e tinha por hábito distribuir generosos presentes.

O cavaleiro, de nome Lorois, era do castelo de Morois, e possuía terras no valor de quinhentas libras; mais bem-situadas não se poderia achar. Tinha uma bela morada, cercada por uma muralha alta, com fosso profundo cavado recentemente. Ao pé do castelo estendiam-se rios e florestas, aonde o cavaleiro gostava de ir com frequência para exercitar o corpo.

Foi na chegada de abril, glorioso senhor das estações do ano. Numa manhã, Lorois se levantou e tratou de arrumar-se elegantemente. Vestiu uma leve camisa de delicado tecido de linho e um cinto (piores que esse já vi muitos...). Não parecia um bobo qualquer, envolto como estava em uma caríssima túnica escarlate, com forro de arminho. Pusera nos pés uns requintados calçados de cordões entrelaçados, e sua calça estriada lhe assentava muito bem.

Acabando de se vestir e calçar, não quis demorar-se mais; mandou o escudeiro trazer seu corcel. Queria ir à floresta ouvir o canto do rouxinol. Sem hesitar o valete fez o que seu senhor determinara. Pôs a sela no cavalo e em seguida atou o peitoral. O animal de modo algum parecia morto de fome, tinha um

pelo lustroso, era muito bem-tratado. Depois de colocar-lhe o bridão, o valete o trouxe para junto de seu senhor sem mais delongas. O cavaleiro montou e o escudeiro prendeu-lhe aos pés um par de esporas de ouro; por fim cingiu a espada de punho dourado. Isto feito, Lorois saiu da habitação sem nenhum companheiro.

Assim se foi a galope na direção da floresta, ladeando o rio, através da pradaria toda coberta de flores brancas, vermelhas e azuladas. Sem se deter, prosseguia veloz, jurando e reafirmando que não retornaria até encontrar o rouxinol, que desde há um ano não ouvia cantar.

Ao se aproximar da floresta, Lorois olhou adiante e viu saírem, alegre e prazerosamente, umas oitenta donzelas cortes e formosas. Estavam muito bem-ataviadas: todas sem manto e sem chapéu, mas com umas coroas de rosas e madressilvas silvestres sobre as cabeças, para ainda mais docemente se perfumarem. Todas vestiam apenas uma túnica, de vez que o tempo estava cálido. Algumas tinham prendido a túnica com cintos; muitas, por causa do calor, preferiam mantê-la desatada. E, para sentir-se mais à vontade, deixavam soltas as tranças, que esvoaçavam por sobre as orelhas, em volta dos rostinhos corados. Formavam uma bela companhia, cada uma com fitas no cabelo.

Todas tinham palafréns brancos, levando-as tão suavemente que, montadas sobre eles, se não os vissem movimentar-se, haveriam de crer que estavam parados. E no entanto iam mais rápido do que um grande cavalo espanhol em galope desenfreado. E sabe que, desde aqui até a Alemanha, não haveria duque ou castelão rico o bastante para comprar o bridão que a mais pobre dentre elas colocara em seu palafrém.

E, também a cavalo, cada uma tinha ao lado seu amigo, galante, gracioso, educado e jovial, cantando alegremente. Sabei de fato que estavam muito arrumados, cada um bem-

-vestido em sua túnica e seu longo manto de seda cara forrado de arminho, e bem-calçado, com esporas de ouro nos pés. Os corcéis sobre os quais montavam seguiam muito rápida e suavemente, e podeis acreditar que nem mesmo um rico rei poderia pagar por um só de seus arneses. Entre esses homens não existia inveja, pois cada um tinha consigo sua amiga com quem se entretinha sem nenhum receio, ela com ele, ele com ela. Alguns beijavam, outros abraçavam, e havia ainda os que falavam de amor e de cavalaria. Deliciosa vida se levava ali.

Lorois, ao contemplar a cena, benzeu-se diante dessa maravilha, dizendo a si mesmo que jamais veria outra semelhante. E, enquanto a admirava, viu surgir da floresta oitenta damas tais como as primeiras, cada uma com seu amigo e todas adornadas como aquelas que antes vos descrevi. Iam manifestando grande alegria, seguindo atrás das demais.

Pouco depois ouviu-se na floresta um barulho alto, um ruído de prantos dolorosos. O cavaleiro viu umas cem donzelas saindo fora da floresta, em péssimas condições, sobre uns negros rocins magros e extenuados. Vinham na mais cruel andadura picada, sozinhas, sem ter homem ao lado, presas de muito grave sofrimento. Mas sabei que era bem feito — elas haviam merecido, tal como me ouvireis contar se estiverdes dispostos a escutar.

Em severo tormento elas estavam. Trotavam tão duramente que no mundo não haveria nem sábio nem tolo que pudesse aguentar, nem em troca de vinte e cinco mil marcos em dinheiro, um trote tão batido por uma única légua. As rédeas de seus bridões eram de cordas de cânhamo muito mal-trançadas, e as selas estavam em pedaços, remendadas em mais de cem lugares. Além do mais, os coxins em que se sentavam tinham sido enchidos de palha, de tal sorte que se poderia, sem falha, rastrear-lhes a pista por dez léguas seguindo a palha caída no caminho. Cada uma ia montada sem estribos, não tinham bo-

tas nem sapatos, iam todas descalças; os pés estavam em mau estado, cobertos de arranhões. Vestiam-se de túnicas pretas, as pernas nuas do joelho para baixo, e os braços indecorosamente descobertos até o cotovelo; de fato estavam em grave tormento. Acima delas trovejava e nevava, tão terrível tempestade despencava que mal se poderia suportar a vista sequer das penas e da dor que elas sofriam noite e dia. Lorois, olhando para elas, por pouco não desmaiou; e, depois de observá-las, não tardou a ver cerca de cem homens que estavam no mesmo tormento das donzelas, também com as entranhas a sacolejar.

Tendo visto tudo isso, não esperou muito até ver chegar uma dama montada em um rocim, o qual trotava tão duramente que — não duvideis — seus dentes se entrechocavam até quase se partirem. Ao avistá-la, o cavaleiro decidiu falar-lhe para perguntar e apurar que maravilha poderia ser o que se passara diante dele. Esporeou o cavalo com vigor e depressa alcançou a dama, saudou-a, e ela o encarou. Pouco depois retribuiu a saudação, e o fez muito lentamente, deveis saber, pois mal conseguia falar com seu cavalo trotando assim. E, mesmo que tivesse parado, nem por isso as sacudidas cessariam, já que o cavalo corcoveava tanto que homem algum, cabeludo ou calvo, que nele montasse resistiria, agarrado na sela ou na crina, jogado para cima e para baixo, sem cair logo do cavalo. Mas a dama não podia cair, e por isso soltava muitos suspiros.

Foi então que o cavaleiro lhe disse:

— Dama, eu gostaria imensamente de saber, se vos agrada, quem é essa gente que passou por aqui.

— Eu te direi o melhor que puder, mas não tenho como falar direito, portanto devo me apressar. Aquelas que vão na frente compartilham entre si grande alegria, por acreditar, cada uma delas, ter o homem no mundo a quem mais ama, podendo a seu gosto beijá-lo, abraçá-lo e acariciá-lo. São aquelas que, em vida, serviram lealmente ao Amor, amando apaixonadamente.

nadamente; e assim cumpriram bem os comandos dele. Amor agora lhes confere a recompensa, para que nada sintam senão contentamento. Por certo, elas estão como querem, nada vem desagradá-las, nem inverno, nem tempestade lhes roubaria o verão. Podem, conforme quiserem, deitar-se, repousar e dormir. E aquelas que seguem atrás, lamentando-se e suspirando sempre, e que trotam tão duramente e estão em tão grave tormento, as faces pálidas e chorosas, e vão cavalgando o tempo todo sem homens ao lado — são elas, fica sabendo, as que por amor nada fizeram, nem jamais se dignaram a amar. Agora o próprio Amor veio fazê-las pagar um alto preço pelo grande orgulho e presunção. Infeliz de mim!, muito caro me custou, pesa-me muito não ter amado; porquanto nem no inverno nem no verão nenhuma de nós terá repouso ou alívio; sem cessar sofreremos essa dor. Em má hora nascemos quando não fomos dotadas de amor. Mas se alguma dama ouviu falar de nós, se lhe contaram nossos males, e ainda assim não amou em sua vida, há de saber com certeza que ela virá juntar-se a nós, e demasiado tarde se arrependerá. Pois, como o vilão nos costuma repetir: *Quem seu estábulo a fechar demora, perde o cavalo e então, de raiva, chora*. Nossos corações são assim mesmo, lentos demais no arrependimento.

A dama encerrou sua fala, Lorois a escutou atento e entendeu tudo muito bem, e ela seguiu caminho. O cavaleiro não se demorou ali; voltou ao castelo de Morois e contou a aventura que a dama lhe explicara. E exortou damas e donzelas a se guardarem de trotar, pois ir a passo é bem melhor. Antes as vejam entre as alistadas no serviço do Amor, rei soberano,<sup>2</sup> do que atrás daquela que tão sofridamente trotava.

Um lai sobre isso fizeram os bretões; lai do Trote se chama.

---

<sup>2</sup> Lacuna preenchida: “Antes as vejam entre as alistadas no serviço do Amor, rei soberano”.

## Passarinho

Esta estória aconteceu nos tempos de outrora, já faz mais de cem anos. Vivia nessa época um rico vilão, não estou certo de seu nome, mas rico ele era e muito, possuindo bosque, pradaria, rio e tudo mais que convém a um gentil-homem. Em suma: ele tinha um castelo tão belo que em todo o mundo não havia igual, nem tão nobre nem tão prazeroso; de tal imponência, segundo creio, jamais se construirá tal fortaleza nem tão rica torre. Um rio corria em volta, circundando todo o edifício; e havia um magnífico vergel, cercado pela água e pela mata. Quem ergueu o castelo não era um néscio, pelo contrário foi um nobre cavaleiro. Depois do pai, herdou-o o filho, e este o vendeu ao vilão. Passou assim de mão em mão, e, como bem sabeis, por culpa de um mau herdeiro, cidades e castelos podem entrar em decadência.

O vergel era belo ao extremo, coberto de boas ervas de muitas variedades que nem sei nomear, por mais que vos de-seje contar toda a verdade. Havia rosas e outras flores a exalar um perfume inebriante, e plantas de rara espécie; se uma criatura doente de qualquer enfermidade fosse trazida deitada numa liteira, sairia sadia e vigorosa contanto que passasse uma só noite no vergel. O chão era plano, sem montículos nem buracos, e os cimos das árvores se juntavam, todos da mesma altura. Tão bonito vergel não havia no mundo. Não haveria fruta que pedísseis e ali não pudésseis encontrar em qualquer estação do ano. Quem o criou era muito sábio; havia ali sobejas provas de tudo ter sido obra de nigromância.

Longo e largo era o vergel, de forma arredondada, tendo ao centro uma fonte. As águas claras e salutareas brotavam com

tal violência que pareciam ferver furiosas, e no entanto corriam com a frieza do mármore. Abrigava-se à sombra de uma bela árvore, um pinheiro, cujos ramos obedeciam um arranjo habilidoso, e se cobriam de uma infinidade de folhas. No auge do verão, na chegada do mês de maio, não vos seria possível enxergar os raios do sol através da folhagem, que perdurava ao longo das estações. Nem o mais forte vento nem a pior tempestade poderiam abater suas folhas ou descascar-lhe o tronco.

Formoso e prazeroso era este pinheiro, onde um pássaro vinha cantar, duas vezes apenas por dia. E sabeis com certeza que ele vinha de manhã e da segunda vez à tarde. O pássaro era tão belo e gentil que seria tedioso vos enumerar suas qualidades: era menor do que um pardal, maior um pouco do que uma cambaxirra. E cantava tão bem que vos afirmo: em minha opinião nem o canto do rouxinol, melro, tordo, estorninho, cotovia ou calhandra era tão agradável de escutar como o seu.

O pássaro era afeito a entoar lais, ritornelos, canções e toadas novas. Nem bandolim, harpa ou viela poderia valer uma migalha em comparação. Em seu canto havia uma maravilha, nunca ouvistes nada semelhante: tal virtude possuía que ninguém, por mais enfermo que estivesse, ao ouvir o pássaro cantar, deixaria de encher-se de alegria e de esquecer sua grande dor. E, ainda que nunca tivesse pensado no amor, por ele agora seria possuído, e cuidaria valer tanto quanto um rei ou imperador, mesmo que fosse apenas um vilão ou burguês. E, se com mais de cem anos no mundo ainda vivesse, ao ouvir o canto do pássaro pareceria desde então como um rapaz, e de tal beleza que seria amado por donzelas, raparigas e meninas.

Outra maravilha em seu canto havia. O vergel não continuaria a existir se o passarinho não viesse nele cantar seus doces trinados. Eis que do canto surgiam humores que mantinham a virtude das flores. Se o pássaro se fosse decairia toda

essa grande beleza, o vergel de pronto secaria e a fonte estancaria, pois sua virtude do pássaro provinha.

O vilão, dono do lugar, tinha o hábito de vir todo dia à fonte debaixo do pinheiro para ouvir essa delícia. Vindo numa manhã, enquanto lavava o rosto na fonte, o pássaro lhe cantou a plena voz em sons maviosos. Era um lai agradável de ouvir, um bom exemplo a ser aprendido por quem se propusesse a valer mais. Em seu latim, dizia o pássaro:

— Ó, cavaleiros, eu vos canto um lai!  
 Leigos, clérigos vinde e me escutai!  
 Vinde, ó formosas! Havereis de crer  
 que a Deus é bom amar e obedecer.  
 Gostosamente à igreja deveis ir,  
 pois de tal bem não pode o mal provir.  
 E acordo existe, ó belas, eu vos digo  
 entre servir a Deus e a vosso amigo,  
 pois não odeia Deus ao bom amor  
 se nasce puro e sem vileza for.  
 A quem reza sincero Deus consola,  
 não vira as costas a quem dá esmola  
 sem pretensão, por generosidade.  
 A Deus agradam honra e lealdade  
 e só na cortesia o amor persiste,  
 pois à avareza e ao ciúme não resiste.  
 Se a tudo isso quiserdes atentar  
 a Deus e a vosso amor ireis ganhar.

Isso entou o pássaro em seu canto, e quando viu, sentado sob o pinheiro a contemplá-lo, esse vilão malvado e dado à felonía, falou de modo bem diverso:

— Deixa de fluir, ó rio! Desaba, ó torre; ó casa, trata de cair! Flores, fenecei; ervas secai! Árvores deixai de frutificar!

Aqui me costumavam escutar damas gentis e cavaleiros; eles e elas queriam bem à fonte e por isso viviam mais tempo, mais se amavam de verdadeiro amor; e os cavaleiros, por sua vez, praticavam a cavalaria. Agora me escuta esse vilão cheio de inveja, que muito mais ama o dinheiro do que o amor cortês. Tão logo terminou meu canto ele se pôs a cobiçar. Outros tinham o hábito de me escutar por prazer, para se divertir, e para o conforto de seus corações; este no entanto vem cá para comer melhor.

Dito isso, saiu voando. E o vilão, ali permanecendo, pensou que, se pudesse pegá-lo, logo o haveria de vender bem caro; e, se não pudesse vendê-lo, iria metê-lo numa gaiola, onde desde manhã cedo até a tarde ficaria cantando. Foi pegar a armadilha e a preparou. Espiou, examinou, procurou, buscando determinar em que galhos o pássaro costumava pousar mais frequentemente. Armou o laço e o colocou no lugar, arrumou seu engodo muito bem. Ao cair da tarde chegou o pássaro ao vergel, vindo logo pousar sobre o pinheiro — e no mesmo instante ficou preso no laço, o coitado. O vilão desgraçado trepou na árvore e agarrou o passarinho, que se pôs a queixar-se:

— Tal é a paga, me parece, para quem serve a um vilão! Tu fizeste mal em me pegar, pois de mim lucrarás um bem pobre resgate.

— Mas haverei de ter muitas canções! Passarás a cantar para mim mais vezes; tu me servias a teu gosto, agora me servirás conforme o meu, e obedecerás a meu comando.

— Levei nessa a pior. Costumava ter para mim, quando quisesse, o bosque, o rio e o prado; fechado agora na gaiola, nunca mais terei prazer nem alegria. Antes vivia de presas, agora me darão de comer como se faz com prisioneiros. Deixa-me ir, belo amigo. Fica sabendo que na prisão não cantarei.

— Por minha fé, hei de comer-te! Não tens outra saída.

— Em mim terás pobre repasto, pois sou mole e pequeno. Matar tão fraca criatura não aumentará tua fama. Deixa-me ir, farás bem, cometerias um pecado me matando.

— Com certeza argumentas em vão, pois fica sabendo que quanto mais me suplicares menos te atenderei.

— Está certo, está direito, pois assim diz o ditado: *a boa razão irrita o vilão*, como desde há muito ouço dizer. Mas te mostrarei outra coisa: *quando se precisa mais se realiza*. Minha força não me pode proteger, mas, se me deixares ir, eu te ensinarei três regras de sabedoria que ninguém de tua linhagem jamais soube e te poderiam valer muito.

— Se me deres garantia, farei isso agora mesmo.

— De boa fé me comprometo!

E o vilão o soltou no mesmo instante.

O pássaro, tendo escapado graças à sua habilidosa falação, voou para o pinheiro. Era feio seu aspecto, todo machucado por ter sido manipulado de forma tão rude, e com a plumagem em desalinho. Com o bico alisou as penas e se recompôs o melhor que pôde. Cheio de astúcia, disse ao vilão:

— Uma bela lição hás de aprender:

*Não chores, te digo eu,  
pelo que nunca foi teu.*

O vilão ficou muito irritado e respondeu de maus modos:

— Tu mentiste quanto ao prometido: três regras devias revelar-me, segundo me deste a entender, ainda não sabidas pelos de minha linhagem; mas essa todo mundo sabe, nunca houve ninguém tão doido a ponto de chorar pelo que jamais teve. Tu me enganaste deslavadamente!

— Queres que te repita para não esqueceres? Estás sempre tão pronto a discutir que temo por tua memória; já receio que não te lembrarás de nada.

— Sei daquilo muito melhor que tu, e desde há muito tempo. Mal haja quem te agradece por lhe mostrares o que já sabe! Por minha cabeça!, não sou tão ignorante quanto me julgas. Só por teres escapado, por não estares em meu poder, achas seguro zombar de mim. Essa eu conheço; trata de dizer outra.

— Ouve-me; a outra é boa e bela:

*Em tudo não hás de crer  
que ouvires alguém dizer.*

O vilão franziu o nariz com raiva, e replicou:

— Sei dessa até demais!

— Belo amigo, então deves retê-la em mente, trata de não esquecer-la.

— Mal-arranjado estou, por querer aprender! Fazes-me ouvir baboseiras, e me mandas lembrá-las. Quisera eu te pegar de novo! Mas, se pretendes manter o acordo, ensina-me agora a terceira regra. Dize qual é e eu te ouvirei.

— Ouve-me bem, e te direi. A terceira é tal que aquele que a souber jamais será um homem pobre.

Ao escutá-lo o vilão se encheu de júbilo, e disse:

— Essa me convém saber, pois prezo muito a riqueza.

Ninguém poderia imaginar o quanto ele importunou o pássaro, insistindo:

— Está na hora de eu ir comer, portanto explica de uma vez por todas.

— Pois eu te advirto, ó vilão:

*Aquilo que tens na mão  
a teus pés não jogues não.*

Então o vilão se enfureceu, e depois de um tempo calado exclamou:

— E nada tens a acrescentar? Essas são palavras de criança que estou farto de saber. Há no mundo miseráveis que sabem essas coisas tão bem como tu. Tu mentiste e me enganaste; sobre quanto me ensinaste eu já era antes sabedor.

— Por minha fé, se soubesses de fato não me terias soltado quando me tinhas nas mãos.

— Tens razão, quanto a essa.

O pássaro, engenhoso como era, prosseguiu:

— Pois esta vale pelas duas restantes, e por cem outras mais.

— Como assim?

— Como? Vou te revelar, insensato, que não sabes o que te aconteceria; pois se me tivesses matado como pretendias, não haveria dia algum — por meus olhos! — em que não estivesses muitíssimo melhor do que hoje estás.

— Ah! Por Deus, que lucro me renderias?

— Ai! Vilão vagabundo de má raça! Há em meu corpo uma pedra rara e preciosa, pesa bem umas três onças. A virtude dela é tal que aquele que a possui não pediria coisa que não lhe fosse desde logo concedida.

Quando o vilão ouviu isso, torceu os punhos, rasgou as vestes, proclamou-se infeliz e desgraçado, arranhou a cara com as unhas. Pousada no pinheiro, a ave ficou olhando para ele, esperando até que ele deixasse em pedaços a roupa e se ferisse pelo corpo todo. Então lhe disse:

— Vilão infeliz, quando me tinhas nas mãos eu era mais leve do que um pardal, ou canário, ou tentilhão — não pesava mais de meia onça!

E o vilão, rosnando contrariado:

— Está certo, é como dizes.

— Vilão, hás de reconhecer portanto que te menti quanto à pedra.

— Agora sei, de fato. Mas no começo acreditei.

— Vilão, desde já acabarei de provar que não sabias de nenhuma daquelas três coisas. Não devias ter dito: “Nunca houve ninguém tão doido a ponto de chorar pelo que jamais

teve.” Pois agora, assim me parece, choras pelo que não tiveste e não terás! Falhaste em todas as três sábias regras, belo amigo, trata portanto de conservá-las. Sempre convém aprender um bom ensinamento: pois alguns não entendem o que escutam, alguns falam de sabedoria quando bem pouco pensam, alguns falam de cortesia sem praticá-la de nenhuma forma. E alguns se julgam sensatos e têm acessos de loucura.

Dito isso, saiu voando e nunca mais voltou ao vergel. Desde a hora em que se foi, o vergel definhou e secou, as aves não vieram mais; as folhas do pinheiro caíram e a fonte estancou. O lugar ficou deserto, o vilão perdeu seu divertimento.

Ficai sabendo agora, todos vós! Diz o provérbio abertamente:

*Quem tudo cobiça, tudo desperdiça.*

## Bibliografia

### *Edições e traduções*

BURGESS, Glyn S.; BROOK, Leslie C.(eds.). *Eleven Old French Narrative Lays*. Texto original em francês medieval e tradução em inglês. Cambridge: D.S. Brewer, 2007.

MICHA, Alexandre (ed.). *Lais Féeriques des XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> Siècles*. Texto original em francês medieval e tradução em francês moderno. Paris: GF-Flammarion, 1992.

DE RIQUER, Isabel (trad.). *Nueve Lais Bretones y 'La Sombra' de Jean Renart*. Tradução em espanhol. Madrid: Ediciones Siruela, 1987.

WOLFGANG, Lenora D. (ed.). *Le Lai de L'oiselet: an Old French Poem of the Thirteenth Century*. Texto original em francês medieval e estudo crítico. Philadelphia: American Philosophical Society, 1990.

### *Glossários de francês medieval*

GREIMAS, Algirdas Julien. *Dictionnaire de l'Ancien Français*. Paris: Larousse, 1979.

GODEFROY, Frédéric. *Lexique de l'Ancien Français*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1994.

*Textos complementares*

ANDREAS CAPELLANUS. *The Art of Courtly Love*. J. J. Parry (trad.). New York: Columbia University Press, 1990.

AARNE, Antti; THOMPSON, Stith. *The Types of the Folktale*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 1961.

DUBY, Georges (coord.). *Histoire de la Vie Privée — de l'Europe Féodale à la Renaissance*. Paris: Éditions du Seuil, 1985.

MARIA DE FRANÇA. *Lais de Maria de França*. Com prefácio “Uma poesia que conta”, de Marina Colasanti. A. L. Furtado (trad.). Petrópolis: Vozes, 2001.

PROPP, Vladimir. *Morphology of the Folktale*. Laurence Scott (trad.). Austin: University of Texas Press, 1968.